



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UFRN
CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DO SERIDÓ – CERES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA -DHC
DOCENTE: PROF. DR. LOURIVAL ANDRADE JÚNIOR

BEATRIZ ALVES DOS SANTOS

**HERÓI DO SERTÃO OU BANDIDO ROMÂNTICO? AS NARRATIVAS SOBRE O
CANGACEIRO JESUÍNO BRILHANTE NOS FOLHETOS DE CORDEL**

CAICÓ/RN
2021

BEATRIZ ALVES DOS SANTOS

**HERÓI DO SERTÃO OU BANDIDO ROMÂNTICO? AS NARRATIVAS SOBRE O
CANGACEIRO JESUÍNO BRILHANTE NOS FOLHETOS DE CORDEL**

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso, como requisito para obtenção do diploma de Bacharela em História, pelo Centro de Ensino Superior do Seridó - CERES, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN.

Orientador: Prof. Dr. Lourival Andrade Júnior

CAICÓ/RN
2021

BEATRIZ ALVES DOS SANTOS

**HERÓI DO SERTÃO OU BANDIDO ROMÂNTICO? AS NARRATIVAS SOBRE O
CANGACEIRO JESUÍNO BRILHANTE NOS FOLHETOS DE CORDEL**

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso, como requisito para obtenção do diploma de Bacharela em História, pelo Centro de Ensino Superior do Seridó – CERES, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.

Aprovada em 30 de abril de 2021

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Lourival Andrade Júnior

Prof. Dr. Joel Carlos de Souza Andrade

Prof.^a Dr.^a Paula Rejane Fernandes

À Rita Alves de Jesus,
Minha avó, que agora me guia do plano espiritual.

O sertanejo é, antes de tudo, um forte.
Euclides da Cunha

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à Universidade Federal do Rio Grande do Norte e ao Departamento de História do CERES, pelo empenho em oferecer educação pública, gratuita e de qualidade.

Aos professores Lourival Andrade Júnior, Paula Rejane Fernandes, Helder Alexandre Medeiros de Macedo, Fábio Mafra Borges, Joel Carlos Andrade de Souza, Jailma Lima, Evandro dos Santos, Airan Borges de Oliveira, Thiago Dias e André Luiz Nascimento, que durante minha caminhada estiveram sempre presentes, dispostos a orientar sempre o melhor percurso a ser feito, minha gratidão!

Ao meu orientador, professor Dr. Lourival Andrade Júnior, que me acompanhou como um verdadeiro “pai intelectual”, desde o meu primeiro mês da graduação. Por toda paciência, carinho, cuidado e dedicação nesses anos de pesquisa, em reuniões presenciais e virtuais. Por todo o zelo e amparo nos momentos de dificuldades e por todos os conselhos que me estimulavam a seguir na luta. Sou grata por tudo e por tanto!

À Paula Rejane, que mais que professora se tornou minha amiga para a vida inteira. Sou grata por todos os conselhos, conversas e por tamanho incentivo e fé que deposita em minha jornada acadêmica e pessoal.

Aos meus estimados amigos Matheus Barbosa, Alda Medeiros, Láira Lianne, Mara Macedo, Raquel Lima, Eduarda Oliveira, Prentice Geovanni e Eduardo Medeiros, companheiros das tardes de estudos e pesquisas no Laboratório de História, Cultura e Poder (LHCP), que compartilharam livros, materiais, orientações e momentos de partilha e conversas sempre sinceras e divertidas.

Aos meus companheiros de sala de aula Pedro Gabriel Santos, Matheus Costa, Vitória Targino, Eduarda Oliveira, Estefani Cunha, Stephanie Gabriella, Nayra Monteiro, Ana Laura Lira, Aurélio Nunes, Maria da Conceição Costa, Dayse Diná, Dhara Jéssica, Kayann Gomes e Ricardo Fernandes. Que honra ter trilhado esse caminho ao lado de vocês!

Aos amigos da vida, Bárbara Cássia Araújo, Raiane Dutra, Hatahandra Araújo, Matheus Barbosa, Alda Medeiros, Yasmim Dantas, Jéssyka Natália, Carla Lúcio, Anderson Brito e Ramon Souza, obrigada por serem e estarem por aqui!

À minha mãe Ira Carla Alves, pelo apoio em todas as minhas escolhas na vida e em todas as noites dedicadas aos estudos. E, por último, em um lugar sempre especial, à minha amada avó Rita Alves de Jesus, que, em vida sempre me cuidou, me ensinou diariamente a viver e ansiava por me ver conquistar minha formatura.

RESUMO

Este trabalho se debruça sobre a trajetória de Jesuíno Alves de Melo Calado, o famoso cangaceiro Jesuíno Brilhante, buscando compreender o percurso que o transformou em um símbolo do heroísmo nos sertões, na historiografia e na literatura. Para alcançar tal proposta, nos munimos dos folhetos de cordel “*Jesuíno Brilhante – Braço avançado da justiça*” de Gonçalo Ferreira da Silva, “*Jesuíno Brilhante – O cangaceiro romântico*” de Medeiros Braga e “*Jesuíno – O cangaceiro Brilhante*” de Gill Holanda, como nosso escopo de fontes a ser analisadas. Em um primeiro momento, nosso debate analisa o *sertão*, enquanto conceito e enquanto espaço de vivências e atuação do bando de Jesuíno. Na segunda etapa, nos pautamos em compreender o movimento do *cangaço*, suas definições, suas origens e as causas que o mantém vivo por tantas décadas entre os séculos XIX e XX. Em um terceiro momento, as fontes cordelianas são analisadas como o ponto chave na compreensão de como as narrativas romantizam o cangaceiro em questão, elevando-o a um posto de um herói do povo sertanejo, configurando-o como um exímio símbolo do banditismo social do nordeste brasileiro.

Palavras-chave: Banditismo Social. Cangaço. Cordel. Jesuíno Brilhante. Sertão.

ABSTRACT

This paper focuses on the trajectory of Jesuíno Alves de Melo Calado, the famous cangaceiro Jesuíno Brilhante, seeking to understand the path that transformed him into a symbol of heroism in the sertões, in historiography and in literature. In order to achieve such a proposal, we use the cordel pamphlets "Jesuíno Brilhante - Braço avançado da justiça" by Gonçalo Ferreira da Silva, "Jesuíno Brilhante - O cangaceiro romântico" by Medeiros Braga, and "Jesuíno - O cangaceiro Brilhante" by Gill Holanda, as our scope of sources to be analyzed. In a first step, our discussion analyzes the sertão as a concept and as a space where Jesuíno's gang lived and acted. In the second step, we focus on understanding the cangaço movement, its definitions, its origins and the causes that kept it alive for so many decades between the 19th and 20th centuries. In a third moment, the cordelian sources are analyzed as the key point in understanding how the narratives romanticize the cangaceiro in question, elevating him to the rank of a hero of the countryside people, configuring him as an excellent symbol of social banditry in northeastern Brazil.

Keywords: Social banditry. Cangaço. Cordel. Jesuíno Brilhante. Sertão.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I	19
UM SERTÃO BRILHANTE	19
1.1. <i>Sertão</i>, um conceito - gênese e modificações	20
1.2. <i>Sertões</i> plurais – Representações do <i>sertão</i> entre Euclides da Cunha e João Guimarães Rosa	23
1.3. O <i>sertão</i> de Jesuíno Brilhante	25
CAPÍTULO II	31
O CANGAÇO BRILHANTE	31
2.1. Origens e manutenção do movimento do cangaço	33
2.2. Jesuíno Brilhante – Gênese de um cangaceiro	43
CAPÍTULO III	50
AS REPRESENTAÇÕES DE JESUÍNO BRILHANTE NOS FOLHETOS DE CORDEL	50
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
5. REFERÊNCIAS	73

INTRODUÇÃO

Este projeto se dedica a pensar como o fenômeno do *cangaço* aparece romantizado nas narrativas de cordéis¹ sobre a personagem de *Jesuíno Brilhante*, o qual atuou no sertão entre Rio Grande do Norte e Paraíba, na década de 1870. O intuito desta pesquisa é analisar os discursos presentes nos cordéis que corroboram a construção de uma imagem cavalheiresca do cangaceiro, enquanto sujeito representante de um banditismo favorecedor dos mais pobres. Jesuíno Brilhante percorreu os sertões nordestinos e deixou seus rastros nas brenhas potiguares, empreendendo embates com os braços oficiais da justiça, dialogando com coiteiros e firmando laços de relacionamento com figuras do alto escalão da sociedade, como políticos e coronéis locais. Nos propomos a dialogar a respeito da colocação deste célebre nome na trajetória do *cangaço* como detentor de alguns codinomes tais quais: “*bandido romântico*” ou “*Robin Hood do sertão*”.² Buscamos, portanto, analisar como as narrativas cordelianas colaboram para a construção de uma romantização do *cangaço* a partir da trajetória de Jesuíno, alçando-o enquanto um sujeito destacado do seu círculo social e da sua categoria de cangaceiro.

Para firmar a justificativa de nossa escolha, empreendemos um mapeamento a respeito das produções acadêmicas de artigos, monografias, dissertações e teses que discutem a figuras de Brilhante. Uma sondagem realizada no banco de dissertações e teses da CAPES, nos acusou para apenas uma dissertação de mestrado e uma tese de doutoramento que aborda a trajetória de Brilhante. A busca ainda foi reforçada no Repositório da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e na Biblioteca Digital de Monografias da referida universidade, contudo, não conseguimos localizar nenhum trabalho disponível nesses acervos, utilizando as palavras chaves “Jesuíno Brilhante” – Não descartamos, todavia, a possibilidade da existência desses trabalhos alojados em acervos físicos e não digitalizados. Diante dos resultados alcançados com essa breve catalogação, reforçamos a relevância de ordem acadêmica da produção a respeito desses sujeitos que pouco aparecem nos debates historiográficos.

A pouca discussão acadêmica encontrada, todavia, não significa dizer que não se trate de um sujeito de grande valia para a compreensão da própria construção histórica da sociedade sertaneja nordestina. É de grande importância não deixar adormecer um tema de tamanha complexidade como o fenômeno do *cangaço*. Não podemos esgotar esse movimento amplo,

¹ Os títulos que serão analisados estão disponíveis no item fontes.

² Podemos perceber esses termos em algumas narrativas cordelianas, como em “*Jesuíno Brilhante - Braço Avançado da Justiça*” de Gonçalo Ferreira da Silva e “*Jesuíno Brilhante - o cangaceiro romântico*” de Medeiros Braga.

que perdurou por décadas em séculos diferentes, debruçando-nos apenas na figura de *Lampião*. Compreender o cangaceirismo, é também refletir sobre as condições socioeconômicas sertanejas que produziram esses sujeitos armados, em constante marcha errante *sertão* à dentro.

Desenvolver essa discussão sobre Jesuíno Brilhante, alicerçada sobre as *fontes cordelianas*, abre, ainda, espaço para o debate a respeito das variadas possibilidades de fontes históricas. Esse tipo de fonte, os cordéis, além de serem criações paridas no seio do sertão nordestino, remetem aos infimos temas de forma poética e fluida, trazendo narrativas que, outrora, veiculavam como disseminadoras das informações e notícias para a sociedade. Os cordéis nos contemplam, deste modo, com narrativas que, na maioria das vezes, acompanhavam o acontecimento daquele determinado evento a ser contado nos folhetos, em tempo real. Significa dizer, portanto, que contamos com fontes nas quais os cordelistas narravam acontecimentos que tinham sido presenciados por eles mesmos, quando nos referimos à primeira geração de cordelistas do Brasil, como Leandro Gomes de Barros, Francisco das Chagas Batista e João Martins de Athayde, por exemplo. Pensamos, assim, dar maior visibilidade para uma fonte que pode ser encontrada de fácil acesso e que colabora com a valorização das criações sertanejas.

O movimento denominado *cangaço* estreou sobre o solo do *sertão* nordestino brasileiro, tendo suas primeiras menções recorrentes ao século XIX. De acordo com Maria Isaura Pereira de Queiroz, em sua obra *História do Cangaço* (1986), o termo *cangaço* aparece nos primeiros relatos oitocentistas para designar homens armados que viviam sujeitos à chefes políticos locais e/ou coronéis, que os pagavam para executarem determinados serviços.³ Conforme menciona Gustavo Barroso, esses indivíduos se distinguiam sob tal nomenclatura, ainda, pelo característico uso do couro em suas vestimentas, acompanhados de chapéu, cartucheira, clavinotes, facas, dentre outros objetos utilizados em suas empreitadas, sendo, nas palavras do autor o termo estendido a “todas as modalidades do criminoso nos sertões”⁴. Posteriormente, o *cangaceirismo* se tornou o produto de uma junção predominantemente de homens (até a entrada de Maria Bonita, no bando de Lampião, já em torno da década de 1930), que seguiam um líder independente, sem subordinação aos chefes ou coronéis.

Esta primeira fase do *cangaço*, enquanto subordinado à tais famílias poderosas, se assemelha aos *jagunços*, que irão assumir um papel de fidelidade ao indivíduo chefe, realizando

³ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *História do Cangaço*. São Paulo: Global. 2a ed. 1986. p.15.

⁴ BARROSO, Gustavo. **Terra de sol**: Natureza e Costumes do Norte. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003. p.145.

sua defesa em várias situações, em troca de dinheiro, comida, habitação, dentre outros termos de conduta. Se ainda no século XXI, com várias soluções tecnológicas para transporte de água os períodos de estiagem ainda assolavam várias regiões do Brasil, no século XIX notamos esse fator de forma mais acentuada e fatal. A região nordeste, neste período, sofreu com dolorosas secas, como as de 1877 e 1915, que geraram levas de *retirantes*, os quais marchavam errantes em busca de locais com melhores condições de vida, nos quais pudessem contar com água para alimentar a si, a suas famílias e, por vezes, às reses que padeciam também com as grandes secas e fomes. Vários foram os Fabianos e Sinhás Vitórias⁵, Cordulinas e Chicos Bentos⁶ que percorreram os chãos áridos, varridos pela seca, buscando novos recomeços. É assim, portanto que

Nos primeiros tempos de ocupação do Sertão, os chefes de grandes famílias, que se dispunham a penetrar naqueles páramos desconhecidos, contratavam bandos de homens armados para defender os seus e mais a criação contra ataques de índios. Uma vez afastadas as tribos para o interior, esses bandos passaram a vida como simples capangas ou guarda-costas.⁷

Nesse sentido, podemos discutir que esses primeiros bandos, ou indivíduos caracterizados como *cangaceiros*, iniciavam essas trajetórias movidos pelas condições socioambientais que combinavam pobreza, fome e seca. Esse tipo de acordo de trabalho e vivência, fazia com que esse sujeito errante pudesse “cultivar sua roça sem nada pagar ao patrão, ou melhor, pagando-o com o auxílio de seu braço e de suas armas quando chamado a defendê-lo”⁸.

Esses acordos de guarda-costas em troca e subsistência não eram a regra em todos os casos. Nos momentos de extrema pobreza, em que nada havia para saciar a fome e a sede, grupos independentes se formavam e partiam armados para garantir o sustento das suas famílias, mesmo que isso significasse partir para o uso da força física, da violência e dos roubos. Eventualmente, ainda de acordo com Queiroz, esses grupos tendiam a se dissolver quando a época de estiagem cessava. O que marca, porém, é que nas palavras de Queiroz: “[...] este cangaço esporádico teria sido um precursor do cangaço independente”⁹. É, portanto, a partir de tais grupos livres dos acordos firmados com os chefes e coronéis, que atuavam em momentos

⁵ Protagonistas da obra “Vidas Secas” de Graciliano Ramos. Romance publicado em 1938, que retrata o cotidiano de uma, das várias, famílias de retirantes fugindo da seca e da fome sertão à dentro.

⁶ Casal retratado por Rachel de Queiroz na obra “O Quinze”, os quais partem no sertão, durante a seca de 1915 em busca de uma melhor vida e, findam migrando para a região sudeste do país.

⁷ QUEIROZ, 1986, p.23.

⁸ Idem.

⁹ QUEIROZ, 1986, p.31.

de crise, que vai ser gestado o movimento do *cangaço* completamente independente. Nesse grupo, irão estrear nomes que se consagraram na História do Brasil, que carregam consigo denominações de distinção, a exemplo de: *Jesuíno Brilhante - O cangaceiro romântico*.

Pensando-se ainda nas origens do *cangaço*, outro nome de grande valia para esta discussão, é o escritor Rui Facó, autor da obra “*Cangaceiros e Fanáticos*”. De acordo com Facó, os *sertões* nordestinos foram marcados, em sua trajetória, por dois movimentos que ascenderam e perduraram nessas regiões: o *cangaceirismo* e o *messianismo*. Para o autor supracitado, esses dois fenômenos têm a sua gênese em alguns elementos externos, para além das secas e da fome: o monopólio de terras e a ausência do Estado, seriam os dois pilares mais evidentes das origens dos *cangaceiros* e dos “*fanáticos*”.¹⁰

Desde o início do plantio de cana-de-açúcar na colônia, o predomínio da terra na mão de poucos sujeitos, atrelado aos largos índices de analfabetismo, deu cria a um contingente de homens e mulheres sem terra, sem bens, com escassos recursos para a própria subsistência, que, frequentemente, buscavam alocar-se nesses latifúndios pertencentes aos fazendeiros e coronéis. Essas relações apresentadas por Facó dialogam com a discussão proposta por Queiroz, em respeito de populações que encontravam nessas relações de servidão, uma forma de sobrevivência, sobretudo em épocas de grandes estiagens:

Cria-se no Nordeste uma espécie de nomadismo permanente, que as secas só fazem aumentar e dar características mais trágicas. É então que se juntam, ante o flagelo, reúnem-se nos caminhos para as longas jornadas em busca de pão e água. (...) A seca expulsa-os e congrega-os. O acicate para a sua unidade é a fome. Ficavam então até mesmo sem os recursos da economia seminatural. A seca mata-lhes a criação, queima-lhes a roça e não lhes resta sequer a água barrenta da cacimba rasa, cavada com a enxada, junto ao casebre.¹¹

Complementando o argumento de agregação aos senhores de terras, na condição de servidão, Facó demonstra ainda dois outros caminhos para os que almejavam uma melhoria nas condições de vida: por vezes, os sertanejos despossuídos buscavam integrar-se em grupos que seguiam líderes messiânicos, como a exemplo do grupo que acompanhava o beato Antônio Conselheiro, em Canudos, ou mesmo o Pe Cícero Romão; outra alternativa, era aliar-se aos bandos independentes de *cangaceiros*.¹²

¹⁰ FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

¹¹ FACÓ, 1983, p.36.

¹² FACÓ, 1983, p.36-37.

Contudo, é preciso pontuar que as secas, a fome e a pobreza não somam as únicas motivações para se adentrar a um bando de *cangaceiros*. Alguns nomes entraram para a *História do Cangaço* gozavam de boa estrutura familiar que lhes proporcionavam condições de vida que não careciam de uma atitude mais extrema, como integrar um bando nômade, como eram esses *bandidos*, um exemplo disto, conforme Rômulo Oliveira Júnior, é o próprio Antônio Silvino, que era membro de uma família que possuía terras e gados.¹³ Nestes casos, em que a subsistência não falava mais alto, outras situações se apresentavam como motivadoras da entrada na vida nômade. Um dos motivos que mais surge como desencadeador da vida do *cangaço*, é o crime contra a *honra sertaneja*. Nas palavras de Oliveira Júnior,

o que se pode chamar de código de honra sertaneja, não um código escrito, mas algo edificado pela tradição, pelos costumes e que se tornou comum. O gado roubado, o uso não acordado de açudes, o rapto ou defloramento de mulheres e o tom descortês de uma conversa gerava conflitos e perduravam desavenças por gerações.¹⁴

A *honra* se tornava uma característica iminente do povo sertanejo, culminando em conflitos e vinganças de sangue quando sua dignidade, ou de algum familiar, era ferida e a justiça oficial não tomava as devidas, ou esperadas, providências. Muitos são os relatos de indivíduos que iniciaram sua jornada no *cangaço* por questões de vingança; Jesuíno Brilhante é um dos que fazem parte dessa trajetória de vida. Brilhante, para vingar a morte de um primo, a prisão de um irmão e o furto de uma cabra, por parte da família rival - *Os Limões* - findou por se envolver em brigas que suscitaram ataques de ambos os lados, desencadeando em tragédia e na entrada de Jesuíno no mundo do *cangaço* para evitar a sua prisão.

Tais motivações de adentrar aos bandos como forma de honrar seu nome ou a sua família, são chamadas de “*escudo ético*” por Frederico Pernambucano de Melo. O autor sustenta a tese de que esses indivíduos ao justificarem seus atos com base em uma desgraça familiar ou qualquer outro tipo de afronta, conseguem alcançar um status de *justiceiro* e não de apenas um *bandido*.¹⁵ Alguns desses sujeitos irão conquistar mais espaço e confiança, à medida que proferem discursos de que eles fazem o papel que a justiça não faz, protegendo o povo sertanejo, distribuindo algum pecúlio financeiro e honrando as moças defloradas, como é o caso de Brilhante.

¹³ OLIVEIRA JÚNIOR, Rômulo J. F. de. **Antonio Silvino**: “De Governador dos Sertões a Governador da Detenção”: 1875-1944. Recife: Bagaço, 2012.

¹⁴ OLIVEIRA JÚNIOR, 2012, p.70.

¹⁵ MELLO, Frederico Pernambucano. **Guerreiros do sol**: violência e banditismo no Nordeste do Brasil. 5ª ed. São Paulo: A Girafa, 2011.

Para Mello, na grande maioria das vezes, ser cangaceiro era uma forma de buscar vingança à uma ofensa sofrida. Em um ambiente profundamente marcado pelas disputas por terra e por poder, o *sertão*, teria gestado um homem individualista, influenciado pelos exemplos de bravura e aventura, a não aceitar a dominação dos chefes locais. O cangaceiro seria, para alguns, nesse contexto, o homem que transcendeu as amarras do patrão e agora vivia livre, sem um senhor e empunhando suas armas, criava também suas próprias leis.¹⁶

Ser um cangaceiro podia significar uma forma de vingar-se, de viver, ou de refugiar-se. O *escudo ético*, compõe-se em uma espécie de justificativa ética social que esses indivíduos faziam uso para explicar à população que ele permaneceria no *cangaço* até alcançar a vingança desejada e lavar sua honra. A honra sertaneja, por ser um instrumento de grande valia na sociedade, era frequentemente evocada como um meio de validar os atos cometidos pelos cangaceiros. Entretanto, quando a vingança fosse finalmente concretizada, o indivíduo perderia seu *escudo ético* e não mais seria um homem em busca de justiça e sim um bandido comum.¹⁷ Por essas questões, era frequente, segundo Mello, que os cangaceiros postergassem suas vinganças, para que assim ganhassem tempo sendo cangaceiros por gosto e profissão, vendo no *cangaço* um meio de vida melhor do que na condição de qualquer outra forma de subsistência no *sertão*.¹⁸ O *escudo ético*, portanto, é um discurso construído pelo próprio cangaceiro para que não se iguale a um bandido comum, é um meio de distinção social que justifica os atos cometidos e garante que permanecerá contando com a complacência da população que lhes presta apoio.

O debate sobre essa distinção entre os tipos de bandidos é analisado por Eric Hobsbawm no seu livro intitulado “Bandidos”¹⁹. Na análise do autor, o banditismo em si é um fenômeno que ocorre em sociedades sem Estado, nas quais os conflitos vigentes ocupam o lugar de “rixas de sangue”²⁰. Nesse sentido, os homens que matam aos seus inimigos não são criminosos passíveis de serem exilados da comunidade, mas sim homens que estão em luta. Se a condição daquela determinada sociedade é resolver seus confrontos com base no sangue, os sujeitos que assim agem não são julgados pelo seu próprio povo, quem o irá atribuir o papel de infrator, são

¹⁶ MELLO, 2011, p.117.

¹⁷ MELLO, 2011, p.127.

¹⁸ MELLO, 2011, p.129-131.

¹⁹ HOBBSAWM, Eric. *Bandidos, Estados e Poder*. In. HOBBSAWM, Eric. **Bandidos**. Tradução: Donaldson M. Garschagen. 4ª ed. São Paulo, Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015.

²⁰Todas as informações contidas nesse debate estão baseadas nos capítulos “Bandidos, estados e poder” e “O que é banditismo social?” na obra de Hobsbawm já referenciada. Não será possível efetuar a citação completa com páginas, pois, impossibilitados de acessar o material físico, recorreremos às versões digitais disponíveis, as quais, todavia, não constam a paginação.

os espectadores de fora daquele círculo social. O banditismo, de acordo com Hobsbawm, em suas origens, está naturalmente associado à classe e ao poder; o fenômeno em seus primeiros momentos surgiu como um mecanismo de resistência de uma classe ao avanço da outra sobre si. O cenário muda, todavia, entre os séculos XIX e XX, quando a fome se torna um fator determinante. Neste caso, o autor anota que ao passo que a fome se acentuava, os focos de banditismo eclodiam com mais força. A exemplo disto, o *cangaço* no Brasil se prolifera com a seca de 1877 e, a cada período de estiagem, passa a surgir com mais força.

O cerne da compreensão a respeito do banditismo, para Hobsbawm, está em analisa-lo levando-se em conta a história do *poder*. Segundo o autor, enquanto as estruturas econômicas e sociais dos grupos populacionais se moviam de forma lenta e gradual, o poder se transformava em uma instituição cada vez mais rápida e mutável, de forma que o poder adquiria cada vez mais novos recursos de coerção. Nesse âmbito, o banditismo ocorre como uma forma de resistir ao poder imposto pelas forças oficiais, como por exemplo, o controle de terras por parte dos governos, estabelecendo, os bandidos, suas próprias definições e limites do seu poder. Nessa sociedade, contudo, a disputa por quem detém mais poder gera brechas, para que os detentores dos meios coercitivos não sejam apenas os senhores poderosos, mas sim também os sujeitos que conseguem evadir esses espaços e conquistar sua própria autoridade.

A debilidade desse jogo de disputas pelo poder, juntamente com as falhas dos governos em exercer o controle total, abria brechas para que o banditismo existisse. A síntese do banditismo consiste em permanecer ativo e alerta para dialogar com qualquer lado que o favoreça, sem fazer opção de defender qualquer grupo específico. O banditismo, todavia, é diferente do *banditismo social*. Os sujeitos que se configuram enquanto *bandidos sociais*, não são meros bandidos que transgredem a lei, são tidos como sujeitos que fazem parte de uma sociedade e cometem atos que não são julgados pela sua própria gleba. O *bandido social* faz parte de uma sociedade que enxerga em suas atitudes o heroísmo e a coragem que aquele grupo necessita para exigir justiça. O bandido comum toma de assalto o que lhe interessar, sem fazer cerimônia, já o *bandido social* cultiva um respeito pelas suas origens e, usualmente, a defende e contribui para sua existência e melhoria. Na análise de Hobsbawm, o *bandido social* é capaz de se apropriar dos bens dos senhores, porque estes compõem uma classe social distinta da sua, mas jamais se apossaria de algum bem que fosse de propriedade dos seus semelhantes.

Tendo em consideração o exposto até aqui, faremos uso de três folhetos de cordel para alcançarmos resposta a nossa hipótese lançada, sendo eles: Jesuíno Brilhante – braço avançado da justiça, escrito por Gonçalo Ferreira da Silva; Jesuíno Brilhante – o cangaceiro romântico,

de Medeiros Braga e Jesuíno o cangaceiro Brillhante, de Gil Hollanda. Pensamos aqui os cordéis como importantes fontes de pesquisa, por tratarem-se de instrumentos popularizados, que possuem suas raízes originárias no Nordeste brasileiro, especificamente no estado da Paraíba. Leandro Gomes de Barros, João Martins de Athayde, Francisco das Chagas Batista dentre outros nomes, são considerados os pioneiros nas narrativas de cordéis. Quando da sua gênese, o cordel atuava como meio de informação para o povo, sendo declamado em feiras e praças, contando com capas xilogravadas para auxiliar a circulação de notícias em meio a uma sociedade que possuía grande número de analfabetos. Hoje, todavia, os cordéis adentraram cada vez mais as portas das academias e se tornaram o foco de diversos trabalhos que os usam como fontes de pesquisa, ou mesmo como possibilidade de ferramenta didático-pedagógica. Ainda hoje, a produção desses cordéis é viva no seio brasileiro, se apresentando em formato de folheto, com narrativas dispostas em estrofes, com métrica e rimas que misturam informação e humor em seus versos.

De acordo com Oliveira Júnior, a possibilidade do uso do cordel como uma fonte histórica se deu a partir da abertura dada pela História Cultural, que após os anos 1970, permitiram uma nova concepção de fontes que, antes, eram vistas como relatos literários e ficcionais e, portanto, não faziam parte do arcabouço englobado pela História. As tensões entre os estudiosos criaram uma fronteira delimitando o espaço da Literatura e da História, restringindo uso de elementos de outras áreas.²¹ O alargamento das possibilidades de uso das fontes já rendeu trabalhos de suma importância, tanto no Brasil quanto no exterior, como é o caso de Mark Curran com sua obra "*História do Brasil em cordel*"²², o qual faz uso do cordel para tecer uma análise a respeito da História do Brasil.

Diante do material pré-selecionado para pesquisa, faremos uso da metodologia da *Análise do Discurso* para compreender tais folhetos, além de estruturar de forma mais coesa a discussão dos folhetos elencados para serem exemplificados ao longo do texto deste trabalho.

A *Análise do Discurso*, tal como a concebemos hoje, é uma prática encabeçada por Michel Pêcheux em torno da década de 1960, e também disseminada fortemente com os trabalhos de Michel Foucault. No cenário nacional, temos a professora e pesquisadora Eni Orlandi que pode ser considerada a pioneira e responsável por introduzir os trabalhos de Pêcheux no Brasil com a obra "*Análise de Discurso: Princípios e procedimentos*" em 1990²³.

²¹ OLIVEIRA JÚNIOR, 2012, p.43.

²² CURRAN, Mark. **História do Brasil em Cordel**. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

²³ ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

Aqui faremos uso da obra de Orlandi, edição de 2009, como norteadora do uso e aplicação da *Análise do Discurso*. Essa abordagem metodológica leva em consideração não apenas o texto ou a fala em si, mas sim o discurso que existe por trás dessas falas ou narrativas. O campo metodológico da *Análise do Discurso*, como aponta Orlandi, trabalha com a palavra em movimento e suas construções, considerando o homem em seu contexto sócio histórico e ainda que não há sujeito sem ideologia e não há discurso sem sujeitos, portanto, os próprios discursos não são neutros.²⁴ Nessa perspectiva, compreendemos os discursos como mecanismos que estão para além do texto encerrado em si e que representam, por sua vez, manifestações de poder por parte de quem o profere.

Os discursos, sejam como for, partem do ponto de escolhas de como se fala e de como não se fala. O não dizer, o esquecimento, é uma forma de silenciamento de alguns sujeitos e áreas, que pode ser uma resultante de um fator ideológico ou não. O próprio recorte espacial e temático de uma pesquisa, é uma forma de elucidar a que grupos o pesquisador quer dar voz. Essas escolhas fundamentam o argumento levado por Michel Pêcheux e por Eni Orlandi, de que não há neutralidade nos discursos. É a partir destes, portanto, que o analista é capaz de levantar questões e críticas que os leve a perceber fatores elementares no intratexto e no intertexto.²⁵ Após a organização do *corpus* documental a ser utilizado, é possível exercer uma atividade de "de-superficialização", a qual a autora anota como a prática de levantar os questionamentos básicos: "quem diz?", "como diz?", "em qual contexto diz?".²⁶ Assim, exerce-se não só a função de analista, mas o próprio ofício do historiador de fazer perguntas à sua fonte.

A *Análise do Discurso* se faz de uso fundamental ao possibilitar a compreensão da existência de diversas vozes dentro de um mesmo texto e, aqui, consegue ser aplicada em nossas fontes. Os cordéis nos colocam em contato com a versão popular de si e dos seus sujeitos, ao misturar eventos reais e humorísticos que, todavia, necessitam de uma análise mais séria no trabalho historiográfico. No trabalho proposto, essa metodologia nos permite interpretar as estrofes e versos dos folhetos, não apenas como um meio de entretenimento, ou como um resquício do passado, mas sim enquanto fontes que dialogam com o leitor e que revelam posicionamentos sociais, sobretudo de quem os escreveu. Com a análise intratextual, poderemos perceber as intenções narrativas do autor, além de evocar reflexões a respeito de

²⁴ ORLANDI, 2009, p.15.

²⁵ ORLANDI, 2009, p.72.

²⁶ ORLANDI, 2009, p.75.

como a sociedade ao redor processava aqueles acontecimentos do mundo do *cangaço*. Dessa maneira, esse aporte metodológico se apresenta de modo fundamental para a composição de um dispositivo teórico que seja capaz de investigar as narrativas *cordelianas* na busca pelos seus personagens e pelos mais ínfimos vestígios dispostos nas entrelinhas. Nos munimos, aqui, dos ensinamentos desse método para sermos capazes de tecer as perguntas às fontes, investigando os discursos românticos sobre nossas personagens, com o olhar de percepção do lugar de fala do autor/poeta, do lugar institucional e social que os leva ao desenvolvimento de tais narrativas.

Nosso objetivo, diante do exposto, é tecer uma análise a partir dos folhetos de cordel elencados, buscando compreender a formação de um discurso romanceado a respeito da personagem de Jesuíno Brilhante. Objetivamos aqui fazer uso da Análise do Discurso para analisar como o *escudo ético* é aplicado nas narrativas sobre Jesuíno, percebendo as justificativas que se apresentam durante a vida do cangaceiro e nas obras que remetem a esta personagem, para qualificar Jesuíno como um homem diferenciado dos demais, até mesmo de outros cangaceiros.

CAPÍTULO I UM SERTÃO BRILHANTE

“O senhor sabe: sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado! E bala é um pedacinhozinho de metal...”²⁷.

É assim que o renomado escritor brasileiro João Guimarães Rosa, expõe uma das suas reflexões sobre o que é o *sertão*, na sua obra *Grande Sertão: Veredas*. O sentido do que é um *sertão* aparece nas entrelinhas do romance de Riobaldo e Diadorim, com reflexões como “o sertão é do tamanho do mundo”²⁸. Da maneira em que Rosa pensa um *sertão* diferente do nordestino, o *sertão* dos jagunços, em um romance no seio da região de Minas Gerais e ao longo das margens do Rio São Francisco, o conceito do que significa ser *sertão*, sofreu mudanças ao longo dos séculos. Tanto a historiografia, quanto os pensadores desse conceito, debateram e continuam nesta discussão, sobre quais *sertões* existem, como se caracterizam, o que os define.

Seja na literatura ou na historiografia, o entendimento a respeito desse conceito é apresentado de formas distintas a partir do olhar de quem escreve. O *sertão* de Rachel de Queiroz, em “*O Quinze*”, é um lugar que sofre com a grande seca de 1915 e obriga famílias a se retirarem em marcha errante, buscando chegar à capital do Ceará, Fortaleza, no empenho de conseguir se estabelecer em locais com melhores condições de vida. *Os sertões* de Euclides da Cunha, é uma narrativa de um *sertão* seco, quente, com solo manchado pelo sangue do povo guerreiro de Canudos/BA, em batalhas contra os agentes da República, no começo do século XX. O *sertão* de Guimarães Rosa, por outro lado, é um romance contado em um ambiente verde e molhado pelas chuvas. São várias as formas de se contar sobre o *sertão*, porque são vários os *sertões* que coexistem; “o sertão está em toda parte”²⁹.

Pontuarmos que o *sertão* é um elemento plural, que existe em diferentes lugares com diferentes aspectos, é uma maneira de recortar de onde falamos e a que nos referimos. Partimos do ponto de que é necessário abordar a construção do conceito, caminhando pelas mudanças que esse debate encara ao longo dos séculos e pelas representações distintas que existem do universo sertanejo. Todo esse debate, entretanto, tem a finalidade de nos conduzir à

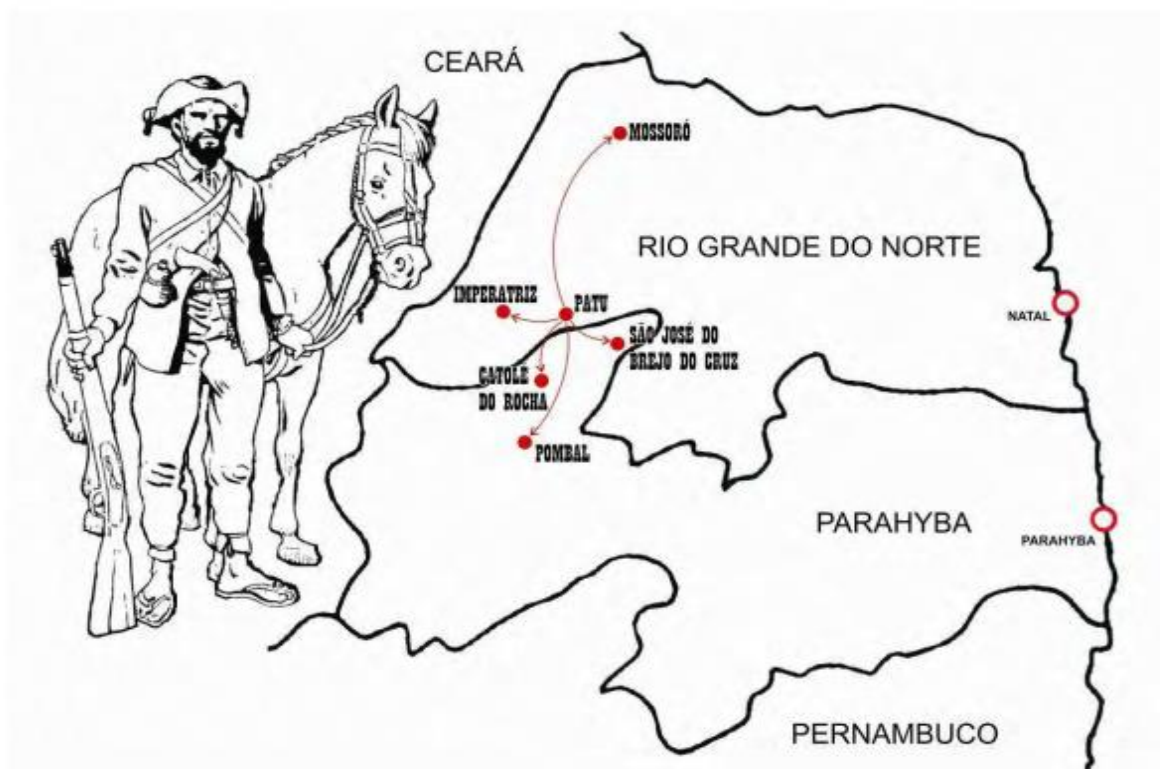
²⁷ ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 19ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p.35.

²⁸ ROSA, 2001, p.89.

²⁹ ROSA, 2001, p.24.

compreensão de qual é o *sertão* que gesta o nosso objeto de análise: Jesuíno Brillhante. Nos localizamos na análise do *sertão* que Jesuíno percorreu em suas ações do cangaço, o território que abarca entre Patu, no Rio Grande do Norte, onde nasceu e se criou, até a região de Brejo do Cruz, na Paraíba, onde deu o seu último suspiro. Nesse sentido, faremos aqui uma discussão para ciência geral a respeito do *sertão*, para culminar na análise final de qual foi o *sertão* palco de atuação de Jesuíno, entre os anos de 1844 a 1879.

Rota Geográfica do Cangaço de Jesuíno Brillhante (1870 – 1880)



Fonte: Imagem coletada do trabalho de HOLANDA, Lúcia Maria de Souza. **Lugares de Memória:** Jesuíno Brillhante e os testemunhos do cangaço nos Sertões do Oeste Potiguar e fronteira paraibana. Dissertação. João Pessoa. UFPB, 2010, p.38.

1.1. Sertão, um conceito - gênese e modificações

Entender os diferentes significados desse conceito, significa caminhar por compreensões que são discutidas, delimitadas e revistas desde o século XVI, até os dias contemporâneos. O documento de “nascimento” do Brasil, isto é, a Carta de Pero Vaz de Caminha, já citava o termo *sertão*. Em descrição ao rei de Portugal, Dom Manuel I, Caminha narra o contato dos navegantes com os povos nativos no correr dos dias e, ao falar da fauna, comenta: “enquanto andávamos nessa mata a cortar lenha, alguns papagaios passaram pelas

árvores. (...) Nessa ocasião, não vimos outras aves (...). Mas, como os arvoredos são muito numerosos e grandes, e de infinitas espécies, não duvido que por esse sertão haja muitas aves!”³⁰. Em trecho nas seguintes falas, o autor anota ainda que a terra encontrada “pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque, a estender olhos, não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia muito extensa”³¹. A palavra, portanto, é um conceito importado desde Portugal, mas que, todavia, sofreu alterações em seus significados. No sentido empregado na carta de Caminha, *sertão* designa àquilo que é oposto ao litoral, sendo compreendido como um local ainda não desbravado, desconhecido. Durante os séculos seguintes, conforme estuda o pesquisador Tiago Bonato, o termo aparece nos relatos dos cronistas e viajantes tomando o sentido geográfico de uma oposição ao litoral, modificando-se, apenas no século XX, quando *sertão* passa a ser utilizado para caracterizar a região interior dos estados, mais especificamente do nordeste brasileiro.³²

Apesar das mudanças significativas, ainda no século XIX, conforme analisa Maria Elisa Mader, essas noções geográficas ainda influenciavam a formação da ideia de nação, com o discurso da civilização versus a barbárie. Esses debates, segundo a autora, atuam de maneira expressiva na concepção da dicotomia estabelecida entre litoral e *sertão*; haja vista que, enquanto ao primeiro cabe o status de centro civilizador, ao segundo, tendo-se em consideração sua natureza geográfica, coube o estigma da barbárie, do inculto, do incivilizado.³³ O pensamento em questão, todavia, significa dizer que o homem, seus grupos, pensamentos e suas expressões culturais são produtos da sua condição geográfica. Esses discursos constroem uma associação

[...] do sertão ao vazio, ao deserto e à barbárie; e das cidades e do litoral à civilização (...). A utilização da idéia de deserto remete-nos também a outros significados importantes, tais como: a falta de governo, de leis, de educação, de população, de luzes, enfim, de tudo que representava para esses intelectuais as idéias de ordem e civilização.³⁴

Esse determinismo acarreta nos pensadores destes séculos em questão, sobretudo no XIX, a ideia de que os indivíduos habitantes do *sertão* precisavam do amparo e da intervenção

³⁰ Aqui, faço uso da Carta com texto atualizado e comentado em notas por Douglas Tufano e organizado por Marisa Lajolo, publicada e distribuída pelo Ministério da Educação em 2003. p.43.

³¹ Carta com texto atualizado e comentado em notas por Douglas Tufano e organizado por Marisa Lajolo, publicada e distribuída pelo Ministério da Educação em 2003. p.52.

³² BONATO, Tiago. **O olhar, a descrição:** a construção do sertão do Nordeste brasileiro nos relatos de viagem do final do período colonial (1783-1822). Curitiba: Universidade Federal do Paraná. Dissertação de Mestrado. 2010. p.9.

³³ MÁDER, Maria Elisa. **Civilização, barbárie e as representações espaciais da nação nas Américas no século XIX.** História Unisinos, São Leopoldo, 12(3), setembro/dezembro, p. 262-270, 2008.

³⁴ MÁDER, 2008, p.265.

civilizadora dos sujeitos do litoral e dos grandes centros urbanos. Analisando um relatório de Paulino Sousa, Ministro da Justiça em 1841, Mader aponta que o *sertão* aparece como um espaço que não possui uma atividade econômica regular e, conseqüentemente, seus habitantes não estariam vinculados no mundo do trabalho, estando, assim, passíveis de se deixarem levar pelo ódio e pelas paixões.³⁵ Ainda na visão de Sousa, apresentada por Mader, até mesmo a forma de se fazer *política* no litoral era diferente do sertão. Enquanto no primeiro ambiente a política seria um sistema organizado, seguindo princípios e opiniões públicas, no segundo, a política era apenas um jogo de facções disputando o controle dos cargos públicos, com fortes marcas da perseguição à oposição.³⁶ Esse pensamento, nos faz refletir que ao mencionar *trabalho*, Paulino Sousa leva em consideração apenas uma lógica industrialista e desconsidera toda estrutura social sertaneja, sobretudo no sertão nordestino, forjada no trabalho agropastoril. Dizer que a população sertaneja é ociosa de trabalho e, por isso, se constitui em um povo passível de cometer crimes e viver às margens da civilização, é desdenhar das lutas do campo, do trabalho agricultor que alimenta e enche à mesa da população.

Nesse caminho, o sentido do termo *sertão* vai deixando de ser compreendido como apenas uma localização espacial e passa a ir ocupando um significado construído, que acompanha uma grande carga estereotipada. O *sertão* deixa de ser apenas o que ainda não é conhecido, o longe do litoral, para ser justamente o seu oposto; o lugar do bárbaro, da injustiça, dos crimes ferozes e da disputa pelo poder.

Pensando a origem da palavra, Erivaldo Fagundes Neves se baseia em Gustavo Barroso e atribui o termo *sertão* como uma derivação de *muceltão*, que virou *celtão* e depois transformado em *certão*. Ainda segundo Neves, essa expressão significava “lugar entre terras, interior” ou ainda “distante da costa”, sendo transportada para Portugal com “*desertão*”, vindo, por fim, a abreviação para “*sertão*”.³⁷ A compreensão geral, todavia, “significa região agreste, despovoada, lugar recôndito, distante do litoral, mas não necessariamente árido; terra e povoação do interior; enfim, o interior do país”³⁸. Com a colonização, o termo vai assumindo o caráter de fronteira, significando que a marcha civilizadora teria parado onde se iniciava o *sertão*. Para Candice Vidal e Souza, *sertão* é um conceito muito mais construído e abstrato do que físico, assim sendo, não existe uma territorialidade física que estabeleça fixamente onde é

³⁵ MÄDER, 2008, p.268.

³⁶ MÄDER, 2008, p.268.

³⁷ NEVES, Erivaldo Fagundes. **Sertão como recorte espacial e como imaginário cultural**, Politéia: História e Sociedade, Vitória da Conquista. V. 3, n. 1, p. 153-162, 2003, p. 154.

³⁸ Idem.

sertão e onde deixa de ser. Nesse sentido, ao passo que a colonização caminha para o interior do Brasil, o sentido de onde é o *sertão* também vai sendo modificado, pensado como uma fronteira móvel.³⁹

As ideias diversas sobre o que é então o *sertão*, vão sendo gestadas, revistas e debatidas no curso dos anos. No século XIX, de acordo com Neves, predominam duas visões sobre o que é esse conceito: o primeiro grupo associa o *sertão* como sinônimo de semiárido, o segundo pensa-o como significado de atividades econômicas (voltadas para a agricultura e a pecuária) e padrões de sociabilidade.⁴⁰ Na visão do *sertão* como uma categoria cultural, podemos entender os costumes e as produções que são feitas nesses espaços e pelos indivíduos que os habitam, como as músicas sertanejas, o forró, o xaxado, o baião, dentre outros, além dos aspectos comportamentais, como vestimentas, comidas típicas, itens de decoração e utensílios domésticos, entre tantas outras particularidades.⁴¹ Como aponta Bonato, “o *sertão* é uma construção complexa e interdisciplinar que requer alguns cuidados”⁴². É difícil tentar englobar toda a pluralidade do *sertão* em apenas uma definição, quando a própria ideia abrange até mesmo lugares distintos. Falar sobre o *sertão*, requer dizer à qual *sertão* se refere.

1.2. Sertões plurais – Representações do *sertão* entre Euclides da Cunha e João Guimarães Rosa

Em 1902, o jornalista e escritor Euclides da Cunha publicou a emblemática obra “*Os Sertões*”⁴³. A serviço do governo da República, Euclides viajou para o *sertão* da Bahia, para registrar de perto os acontecimentos da Guerra de Canudos, o que resultou no trabalho em questão publicado. Dividido em três partes, o livro mostra, em suas entrelinhas, a mudança do olhar euclidiano sobre o que é o *sertão* e o povo sertanejo. Na primeira parte, intitulada “*A Terra*”, o escritor narra uma análise geográfica do ambiente que conhece durante a viagem, suas observações tratam de descrever os aspectos do solo, da fauna, flora, vegetação, clima, dentre tantas outras informações. Nessa primeira etapa, Cunha discute suas primeiras impressões, o impacto do clima e o fator marcante das secas e do amanhecer e recolher do sol sertanejo. A descrição de Cunha nesse momento passa pelo olhar estereotipado sobre o *sertão*, do lugar

³⁹ SOUZA, Candice Vidal e. **A pátria geográfica: sertão e litoral no pensamento social brasileiro**. 2.ed. Goiânia: Editora UFG, 2015, p. 135-158.

⁴⁰ NEVES, 2003, p.155-156.

⁴¹ NEVES, 2003, p.158-159.

⁴² BONATO, 2010, p.27.

⁴³ CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Três, 1984.

apenas seco, castigado pelas estiagens, de altas temperaturas e de um solo que nada poderia nutrir.

Na segunda parte do livro, o autor faz um estudo antropológico e sociológico, em capítulo intitulado “*O Homem*”. Nessa fase, o olhar de Euclides se volta para compreender o *sertão* enquanto uma categoria também cultural, sendo o sertanejo o produto do ambiente, da raça e da construção sociocultural. Nesse sentido, além dos fatores geográficos influenciarem no homem, a mistura das três etnias predominantes no Brasil, negros, indígenas e europeus, teria sido o fator resultante do sertanejo, criado

[...] por um molde único, revelando quase os mesmos caracteres físicos, a mesma tez, variando brevemente do mamaluco bronzeado ao cafuz trigueiro; cabelo corredio e duro ou levemente ondeado; a mesma envergadura atlética e os mesmos caracteres morais traduzindo-se nas mesmas superstições. Nos mesmos vícios, e nas mesmas virtudes [...]⁴⁴

É interessante apontar essa visão euclidiana ao começo da parte “*O Homem*”, pois ela reflete a visão reducionista imperial e republicana, dos indivíduos do centro-sul como detentores de uma civilidade que é resultado das suas condições genéticas e ambientais. Nesse sentido, a análise de Cunha aponta que o sertanejo reunia em si todos os atributos que o relegava à uma “subcategoria étnica”⁴⁵. Contudo, a visão de Euclides vai sendo reformulada ao se deparar com a realidade do povo de Canudos. O que antes era uma selvageria, passa a ser enxergado como um povo que luta para sobreviver na natureza árdua, e que mesmo com as dificuldades das secas, as retiradas e as oportunidades de trabalho reduzidas, se adaptam, resistem e desenvolvem seus aportes socioculturais. A visão de Cunha de que, mesmo morando em casas de taipa, com recursos limitados, os sertanejos não se entregaram diante os rifles da República, o faz escrever a afamada frase “o sertanejo é, antes de tudo, um forte”⁴⁶. Esse aspecto da força vai ser reiterado com a terceira parte do livro “*A Luta*”, que se dedica a escrever, com pormenores, o cotidiano sangrento dos canhões apontados para o povoado de Canudos.

Em contrapartida, o *sertão* de Minas Gerais, romanceado por Guimarães Rosa, se mostra bastante diferente do relato de Cunha. Publicado em 1956, o romance “*Grande Sertão: Veredas*”, trata das memórias da época em que Riobaldo era jagunço. Em suas descrições, o narrador relembra os ambientes percorridos, as viagens nas margens do São Francisco, momentos em que passava pela natureza verde e pela chuva. Ter um *sertão* molhado, verde e

⁴⁴ CUNHA, 1984, p.140-141.

⁴⁵ CUNHA, 1984, p.141.

⁴⁶ CUNHA, 1984, p.146.

fora da região do nordeste brasileiro, nos reforça a reflexão de que o conceito *sertão* ultrapassa as barreiras físicas. Existem *sertões* em diferentes partes do Brasil e do mundo, não se esgotam sendo apenas sinônimo de paisagem semiárida.

A frase de Euclides, a respeito da força do homem sertanejo, nos permite dizer que, a visão estereotipada do sertanejo como animalesco, bárbaro, desconsidera que são indivíduos que estão inseridos em uma lógica de mundo em que as forças institucionais do Estado e da Justiça, por vezes são falhas. O *sertão* baiano que Euclides descreve, trata-se de uma população que ficou às margens da República, entregues à própria força para trabalhar. O *sertão* de Canudos, em 1896, é um *sertão* semelhante ao descrito por Rachel de Queiroz em 1915. Não se trata apenas de uma vegetação seca, mas sim da falta de ações governamentais para reduzir o impacto das estiagens prolongadas, além de outras formas de gestão política que poderiam ter introduzido no ambiente sertanejo outras formas de trabalho, aliviando o peso de depender massivamente das chuvas para a manutenção da agropecuária. Reduzir toda uma população diversa à um grupo homogêneo caracterizado como bárbaro feroz, desconsidera também que, mesmo os indivíduos que adentraram ao mundo do *cangaço*, o fizeram como parte de uma conjuntura maior que deu motivos e sustentação a esse movimento.

1.3. O *sertão* de Jesuíno Brilhante

As secas foram presentes no cotidiano do *sertão* nordestino em diversos momentos, no entanto, algumas se destacam por sua ferocidade; é o caso da seca dos “dois setes”, que perdurou de 1877 a 1879. De acordo com a historiadora Dayane Dias, analisando as certidões de óbito da Freguesia de São José da Fortaleza (atual Fortaleza), entre 1870 e 1879 foram registrados 20.748 obituários, destes sendo 79,8% ocorridos justamente entre o período da grande seca de 1877 a 1879.⁴⁷ Em um cálculo rápido, do universo amostrado, o percentual referido representa um total de 16.556 mortos, apenas nos registros da paróquia de São José, sem considerar que a seca atingiu em grandes proporções outras localidades do Ceará e de outros estados nordestinos.

A vida predominantemente agropastoril, implicava no movimento de *retiradas* quando as secas castigavam o solo sertanejo. A falta de água para manter viva as plantações, saciar o gado e o restante dos animais, culminava na escassez de alimentos para subsistência e vendas.

⁴⁷ DIAS, Dayane Julia Carvalho. **Mortalidade e migração no período da seca de 1877-1879 na freguesia de São José (Fortaleza/CE)**. Resgate – Revista Interdiscip. Cult, Campinas, v.27, n.2[38], p.175-194, jul./dez. 2019 – e-ISSN: 2178-3284.

As secas significavam uma perturbação na manutenção da vida humana, econômica e social. As migrações se tornavam um movimento comum nesses períodos; famílias inteiras se deslocavam de seu lugar de origem, em busca de se estabelecer em ambientes que proporcionassem melhor qualidade de vida e sobrevivência. Segundo Dias, “no Ceará, o impacto da seca foi tão forte que a província recebeu recursos de províncias vizinhas, as quais também passavam pelo mesmo processo”⁴⁸.

Nesses períodos de calamidade, os governos tentavam remediar a crise hídrica enviando suprimentos alimentícios e roupas para serem distribuídos entre a população. Entretanto, com o curso do tempo e a prolongação da seca, a quantidade de pessoas dependentes do auxílio governamental aumentava exponencialmente. A distribuição dos alimentos para as localidades do interior se tornava mais difícil, ao passo que o transporte era feito em cargas, carregadas por animais que tinham no pasto e na água o seu combustível para a caminhada. Além do problema com a garantia da vida dos animais, segundo Dias, o presidente da província, João Aguiar, alegava também o risco de haver saques aos comboios durante a viagem. Por tais razões, as notícias divulgavam que a distribuição desses recursos alimentícios, seriam feitos apenas na região litorânea do Ceará. Impotente diante da seca, sem outras oportunidades de sobrevivência, as levadas de migrantes se avolumavam na estrada, nômades em retiradas; muitos que, vencidos pelo cansaço, pela fome e sede, amontoavam-se em pilhas de cadáveres em putrefação.⁴⁹

Nos centros, os indivíduos se agrupavam pelas ruas, ou, quando havia, nos centros e abrigos. Considerados pelas autoridades e pelas elites locais como portadores de doenças, devido as condições físicas que se encontravam, os retirantes foram tratados como uma questão de saúde pública e higiene que precisava ser resolvida. O incentivo encontrado para aliviar o problema e causar uma “limpeza” social, foi estimular a emigração do Ceará para outras áreas do país, principalmente o centro-sul e a Amazônia; a outra alternativa estava em designar aqueles sujeitos para trabalhar em obras públicas, em troca de receber o auxílio governamental.⁵⁰

Precisamos destacar que no século XIX, o movimento do cangaço já era conhecido. Maria Isaura de Queiroz, a exemplo, analisa a atuação desses indivíduos nesse recorte, como os “precursores” do cangaço independente⁵¹, isto é, quando os cangaceiros passam a agir por conta própria, não mais vinculados aos senhores de terra, conforme veremos de modo mais

⁴⁸ DIAS, 2019, p.178.

⁴⁹ DIAS, 2019, p.178-179.

⁵⁰ DIAS, 2019, p.179-180.

⁵¹ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **História do Cangaço**. São Paulo: Global. 2a ed. 1986.

aprofundado no capítulo seguinte. Um dos nomes que mais se destaca nesse cenário, é o de Jesuíno Alves de Melo Calado, o Jesuíno Brilhante.

Nascido na fazenda Tuiuiu, região de Patu/RN, em 1844, Jesuíno Alves de Melo Calado foi filho de uma família sertaneja tradicional, que lidava com a pecuária no solo potiguar. Jesuíno era um homem casado, pai de cinco filhos, habilidoso com a lida do gado, até que tomou os rumos do cangaço na década de 1870. Não aprofundaremos, aqui, o debate sobre a vida do cangaço, ou sobre os motivos que levaram Brilhante para esse caminho, pois isto será o alvo da discussão do capítulo seguinte. Nos, resta, contudo, analisar um aspecto muito oportuno que aparece nas nossas *fontes cordelianas*, nas produções cinematográficas sobre Jesuíno e na própria historiografia: a atuação *Robin-hoodiana* de Brilhante para com os flagelados da seca de 1877-1879.

As secas criam no Nordeste brasileiro a tradição do nomadismo e das retiradas, de maneira que modifica todo o cenário econômico e social daquele lugar. Essa desorganização proveniente das estiagens pode ser explicada “pelo profundo abalo social que os longos períodos de estiagem produziam na sociedade sertaneja, golpeando sua estrutura e reduzindo a mais completa miséria famílias que, meses antes, gozavam da verde prosperidade dos tempos chuvosos”⁵². Na análise de Rui Facó, a seca de 1877 a 1879 é o principal eixo fomentador das emigrações do Nordeste para outros estados, afinal foram “três anos seguidos sem chuvas, sem sementeiras, sem colheitas, os rebanhos morrendo, os homens fugindo para não morrer”⁵³. O quadro da miséria se agravava, não apenas com a extensão da seca, mas também com a desigualdade com que eram distribuídos os recursos alimentícios provenientes das forças do governo imperial. Nesse cenário, Jesuíno já trilhava caminhos conhecidos e apoiados por parte da população que enxergava nele o sujeito heroico, que prezava pela honra e pela dignidade do povo. Brilhante vai se colocar, conforme aponta Cléia Calado, como o justiceiro dos sertanejos, ao descobrir que os comboios com os mantimentos para os retirantes estavam sendo desviados pelas autoridades locais.⁵⁴

Dirigido por William Cobbett, o filme “*Jesuíno Brilhante – O Cangaceiro*” de 1972, retrata a vida de Jesuíno Alves de Melo Calado, em sua transformação no famoso cangaceiro Jesuíno Brilhante. A trama exalta a figura de Brilhante enquanto benevolente, respeitoso à

⁵² HOLANDA, Lúcia Maria de Souza. **Lugares de Memória**: Jesuíno Brilhante e os testemunhos do cangaço nos Sertões do Oeste Potiguar e fronteira paraibana. Dissertação. João Pessoa. UFPB, 2010, p.32.

⁵³ FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983, p.29.

⁵⁴ CALADO, Cléia Tamaris. **Jesuíno Brilhante**: As glórias de um cangaceiro *herói* ou um *bandido* procurado pelo estado. Cajazeiras: UFCG, 2015, p.35-36.

propriedade e às famílias, honrando e fazendo justiça às mulheres e donzelas, além do caráter de justiceiro do povo. Uma das últimas cenas do longa, demonstra o episódio em que Jesuíno se revolta contra as autoridades que desviavam as cargas de alimentos do povo, para uso pessoal e comércio. Em tais circunstâncias, o cangaceiro reunia seu bando e atacavam a localidade em que os gêneros alimentícios estavam armazenados, conclamando ao povo sertanejo que tome posse daqueles estoques.

Esse episódio da vida de Jesuíno, da partilha dos alimentos, o consagrou à alcunha de “*Robin Hood do Sertão*”, ou, ainda “*Robin Hood do chapéu de couro*”, fazendo uma alusão ao clássico herói inglês que roubava da nobreza para distribuir com os pobres.⁵⁵ Ainda de acordo com Cléia Calado, os comboios saqueados pelo cangaceiro não eram apenas os enviados pelo governo imperial; quando tomava ciência de algum comboio pertencente à um inimigo, o bando de Brilhante armava emboscadas e realizava o saque. É importante, destacar, nesse sentido, que muito embora Jesuíno tenha posicionamentos divergentes do “padrão” comportamental comum de um cangaceiro, ainda assim ele estava inserido em uma lógica de vida baseada na vingança aos desafetos, com a honra sendo vingada no sangue do inimigo.

A postura que Jesuíno adota em sua vida nômade, contudo, o aproxima do povo sertanejo, conquistando o apoio dos grupos desvalidos que se sentiam deixados de lado pelas forças oficiais do Estado. O comportamento de Brilhante, é demonstrado nos relatos como um “bandido bom”, que tem suas atitudes de vingança relevadas, em virtude dos benefícios trazidos à população. Nas palavras de Raimundo Nonato,

Jesuíno Alves de Melo Calado foi o cangaceiro-gentilhomem, o boiadeiro romântico, espécie matuto de Robin Hood, adorado pela população pobre, defensor dos fracos, dos velhos oprimidos, das moças ultrajadas, das crianças agredidas. Sua fama ainda resiste, indelével, num clima de simpatia irresistível. Certas injustiças acontecem por que Jesuíno não existe mais.⁵⁶

Essa concepção formulada por Nonato, na obra “*Jesuíno Brilhante – O cangaceiro romântico*”, é presente também em outras referências historiográficas; Câmara Cascudo é um exemplo disso, ao anotar que “Jesuíno tem a popularidade inextinguível de um Robin Hood... Contam suas façanhas, predicados, gestos, caridades num orgulho em que há participação

⁵⁵ CALADO, 2015, p.36.

⁵⁶ NONATO, Raimundo. **Jesuíno Brilhante - O Cangaceiro Romântico**. Natal: Sebo Vermelho Edições, 2010, p.86.

psicológica de solidariedade instintiva”⁵⁷. Essa descrição do comportamento de Jesuíno, como uma personalidade de influência positiva, nos evoca algumas reflexões sobre o povo sertanejo, em seus costumes, crenças, tradições e regras morais.

Jesuíno, em 1870, representava o homem sertanejo potiguar daquele momento e que perdurou até o século XX. Hoje, no século XXI, ainda é possível conversar com idosos que viveram sua juventude em meados dos anos 1900 que repercutem o comportamento observado em Brilhante. O *sertão* figurado em Jesuíno, é o do homem que trabalha no campo, plantando para a subsistência da sua família e vendendo o excedente, que cuida do gado, das ovelhas e dos cavalos, enquanto a mulher acende o fogão a lenha da propriedade rural e as crianças correm nos terreiros, juntos aos cachorros e galinhas. O *sertão* de Jesuíno, é o local em que o homem é forjado na valentia necessária para defender a família, porém mais ainda para defender a honra. A régua da moralidade sertaneja, em fios gerais, está cravada na honestidade, no trabalho árduo da terra e em saber defender a própria imagem, não permitindo, jamais, que os inimigos lhes tirem a dignidade.

Esse *sertão* em que as pendências são resolvidas ao tiro do bacamarte, nos evidencia a pouca ação da justiça e das volantes para resolver os conflitos; ou, em caso de haver a presença das forças oficiais, existe a falta de confiança de que os casos seriam resolvidos da maneira mais eficaz, partindo para um confronto direto da justiça com as próprias mãos. No romance “*Os Brilhantes*”, Rodolfo Teófilo ao mencionar, na primeira parte, os acontecimentos da Revolta do Quebra-Quilos, comenta que, diante do levante dos revoltosos, formou-se uma comissão executiva formada pelo presidente da Câmara Municipal, com o delegado de polícia e o vigário da freguesia “cujo fim não era a punição dos sediciosos, mas perseguir os adversários políticos dos mandões da vila”, mais a frente, Teófilo anota ainda que “essa trindade de partidários exaltados cometia toda a sorte de arbitrariedades, ordenando as mais injustas prisões”⁵⁸. É fácil compreender, portanto, a atitude de tomar para si e resolver esses tipos de conflitos de forma não oficial, longe dos olhos da lei, quando consideramos que as forças policiais das volantes, muitas vezes estavam ligadas à chefes locais, como coronéis, fazendeiros, que dominavam e influenciavam esses agentes da lei para atuar conforme suas vontades

O *sertão* de Jesuíno, em terras potiguares e paraibanas, todavia, não gestou apenas

⁵⁷ Me aproprio, aqui, da citação exposta por CALADO, Cléia, 2015, p.37. A citação encontra-se originalmente em: CASCUO, Luís da Câmara. Jesuíno Brilhante: o cangaceiro romântico. **O Potiguar**, Natal, n. 10, p. 09-10, 1999.

⁵⁸ TEÓFILO, Rodolfo. **Os Brilhantes**. 2 ed. Fortaleza: editor Assis Bezerra, 1906, p.33.

homens fadados à violência da vingança. Nas palavras de Eivaldo Neves, “se o isolamento e as asperezas da vida no sertão possibilitaram hábitos despóticos de indivíduos e autoridades, também proporcionaram generosidade e hospitalidade, testemunhadas por viajantes brasileiros e estrangeiros, em todo o interior do Brasil”⁵⁹. Da mesma forma, o *sertão* potiguar e paraibano não pode ser cristalizado apenas na imagem da estiagem de 1877. Antes da seca causticante abrasar o solo sertanejo, dizimando rios, transformando açudes em grandes valas de chão batido e enfatizar o sol brilhante no céu sem nuvens, o *sertão* ostentava a vegetação verde, abrigando pássaros de natureza infinda e árvores copiosas. A descrição romântica de Teófilo, demonstra a paisagem do *sertão* antes da seca:

ouviam-se um concerto onde vibravam notas de uma variedade imensa em timbre e intensidade. Centenas de vozes diferentes, desde o zumbido fraco e monótono do pequeno inseto até o urro possante da onça metida na fumaça (...). A vida seria ali sem provações, se possível fôsse éden sem serpente. Era a luta pela existência travada sempre por toda parte: a árvore estiolando o arbusto com a sua sombra, o arbusto, por sua vez, asfixiando a erva que vivia sob a sua ramagem.⁶⁰

O *sertão* longe da crueza da seca, tem chuvas e folhagens que pintam o ambiente com tons de verde. O *sertão* de Jesuíno, é a terra potiguar onde nasceu e firmou suas raízes, onde esteve até o entorno de 1871, com sua esposa, filhos, pais e irmãos, na lida da vida do campo, na rotina do homem vaqueiro. Mas, esse *sertão*, é também o lugar que se transformou no palco das retiradas e da fome, assolado pela falta de chuvas que condenou milhares de vidas à morte. O *sertão* de Jesuíno, é também o *sertão* paraibano, que percorreu trocando tiros com os inimigos até a sua morte, em 1879. O *sertão* está em toda parte, contemplando seus aspectos naturais e socioculturais, nas chuvas, nas secas, no chão molhado ou rachado, na casa de pedra ou de taipa, no homem que tange o gado ou senta na varanda da fazenda fumando um charuto; o *sertão* é plural.

⁵⁹ NEVES, 2003, p.157.

⁶⁰ Teófilo, 1906, p.47.

CAPÍTULO II O CANGAÇO BRILHANTE

Segundo Gustavo Barroso, “cangaceiro é o homem que vive ‘debaixo do cangaço’. O cangaço não é somente, na linguagem sertaneja, o armamento do bandoleiro; é, também, o seu modo de vida nômade, desregrado e sanguinário”⁶¹. Nas definições do dicionário de Oxford, a palavra remete à “conjunto de trastes, utensílios e móveis de gente humilde ou escrava”. Para Maria Isaura de Queiroz, o termo *cangaço* já era utilizado em 1834, para se referir aos indivíduos que andavam armados, com chapéu de couro, clavinotes entrelaçados pelos ombros, cartucheiras e facas, dentre outros itens que carregavam junto a si.⁶² Ainda de acordo com Barroso,

O termo cangaceiro estende-se a todas as modalidades do criminoso nos sertões; é o salteador, o sequaz de atrabiliário e cruel dono de fazenda, de ignorante e perverso chefe político; um criminoso perseguido pela justiça, muitas vezes vítima da exacerbação de ódios políticos, que vive pelos matos às ocultas, exercendo vinganças, cometendo desatinos, matando inimigos descuidosos nas largas estradas solitárias; ou ainda os criminosos degenerados, tarados pelo atavismo, com nevroses de todas as espécies.⁶³

Neste sentido, essas breves abordagens sobre a etimologia da palavra *cangaço* e seu sentido, nos remete à compreensão de que esse termo só cabe a ser usado no contexto do banditismo do Nordeste brasileiro. Conforme menciona Queiroz, essa palavra era empregada na região das “vastas caatingas áridas que formam o chamado ‘Polígono das Secas’, no interior de sete estados brasileiros. No entanto, embora bandidos tenham existido por toda parte no país, só nesta região foram designados por ‘cangaceiros’”⁶⁴. Esses sujeitos assim denominados, são referenciados desde o século XIX, enquanto figuras que percorriam os *sertões* nordestinos, em bandos armados, realizando saques, vinganças, invasões e tantas mais outras ações que entraram para os anais da história do *cangaço*.

Antes de ser consolidado como um movimento de homens independentes que percorriam territórios de acordo com suas próprias leis, o *cangaço* existia como grupo de homens armados que eram sustentados e serviam à chefes locais. Esse primeiro momento do *cangaço*, pode ser comparado, ou mesmo ter suas raízes, na categoria dos *jagunços*, que

⁶¹ BARROSO, 2003, p.144.

⁶² QUEIROZ, 1986, p.15

⁶³ BARROSO, 2003, p.144-145

⁶⁴ QUEIROZ, 1986, p.15.

trabalham em função de um coronel ou chefe, sendo pagos para efetuar alguns serviços, como proteção à propriedade, cuidado com as terras, ou mesmo promover vingança contra algum desafeto do seu patrão. Para compreender essa necessidade de ter um protetor, devemos lembrar que nesse momento, em meados do século XIX, muitos fazendeiros iam adentrando as terras do *sertão* e se chocavam com índios, ou mesmo com outros moradores sertanejos, desembocando em algum conflito por terras. Ter o *jagunço* ou o *cangaceiro* subordinado a si, significava contar com uma rede de segurança montada para proteger aquela família e aquela propriedade. De acordo com Maria Isaura de Queiroz, em muitos casos esses indivíduos seguiam a vida nessa função de guarda-costas, ou, quando formavam família, se assentavam nas terras do chefe, na condição de morador, exercendo também outras relações de trabalho, como o de agricultor.⁶⁵

Muito embora o *cangaço* independente, isto é, que não se mantinham fixos em um único local, seja mais registrado a partir do século XX, no século XIX existem alguns casos que são destacados. Nomes como Cabeleira, Lucas da Feira, João Calangro e até mesmo Jesuíno Brilhante, são apontados como cangaceiros que atuaram nos anos 1800, estes são os denominados “precursores do cangaço independente”⁶⁶.

Uma outra categoria que se manifesta nesse movimento, são os bandos formados por retirantes, em virtude das secas. Nos períodos de estiagens severas, como é o caso da seca de 1877-1879, os grupos de fazendeiros, vaqueiros, moradores, dentre outros, se tornavam despossuídos, junto à suas famílias. Nestas ocasiões de desespero, sem nenhuma colheita e sem conseguir acessar os donativos do governo, formavam-se bandos de homens esfomeados, que saíam em busca de saquear propriedades e posses que encontrassem em seu caminho. A órbita das secas e dos flagelados ativa os mais fortes instintos de sobrevivência, cerceando qualquer valor de ética e moralidade, em virtude da única necessidade pulsante: o alimento. Nesses casos, contudo, os bandos formados buscavam apenas vencer os obstáculos da seca e da fome, mesmo que para isso fosse preciso o emprego da violência; muitos destes, todavia, encerravam as atividades do bando logo após conseguirem alcançar o seu objetivo de saquear e pilhar aquela localidade. Essa categoria se diferencia, portanto, de um bando organizado com o intuito de permanecer na vida do *cangaço*, que segue um treinamento de comportamento e de sobrevivência em outros padrões e códigos estabelecidos pelo chefe do bando.⁶⁷

⁶⁵ QUEIROZ, 1986, p.23.

⁶⁶ QUEIROZ, 1986, p.27.

⁶⁷ QUEIROZ, 1986, p.30-31.

A formação desses bandos a partir das secas, corrobora a análise de Eric Hobsbawm de que nos séculos XIX e XX, o nível da fome determinou o ritmo da proliferação do banditismo. Nas palavras de Hobsbawm, “os meses do ano agrícola em que o alimento escasseava e não havia muito o que fazer no campo eram a temporada dos roubos”.⁶⁸ Na ótica do autor supracitado, o termo bandido deriva do italiano *bandito*, que significa “fora da lei”, sendo o termo designado para caracterizar homens que resistem a obedecer às autoridades e querem ser detentoras do seu próprio poder. Nesse sentido, os locais em que surgiram os maiores focos de banditismo, foram lugares marcados pelas disputas de poder, em que senhores locais e Estado viviam em constantes embates com as formas de coerção à população local. Essas disputas geravam uma fragilidade das autoridades, fomentadas pelas rivalidades das famílias inimigas, que findava por ceder a todos o direito de exercer o poder de vingar-se e matar desafetos, porque nenhuma autoridade representava força suficiente para aplicar as leis e punições.⁶⁹

A grande questão diferenciadora nesses sujeitos em disputa pelo poder, é que essas categorias de homens que entram para o banditismo, saídos diretamente do campo, ou movidos pela fome, são enquadrados como protagonistas de um *banditismo social*. Nesses casos, como avalia Hobsbawm, muito embora sejam encarados como criminosos, por parte do Estado e dos senhores locais, o *bandido social* representa para o povo um símbolo do homem vingador, que continua fazendo parte da sociedade rural, mas que luta contra as injustiças. São vistos como heróis, não como meros ladrões. O *bandido social* defende o seu povo e não rouba dos seus semelhantes, mas tira do senhor sem peso algum na consciência.⁷⁰ Jesuíno Brilhante entrou para a história como um símbolo desses bandidos considerados heróis.

2.1. Origens e manutenção do movimento do cangaço

Quais são os motivos e condições que levam um sujeito a enveredar-se por uma vida errante, marchando sob o sol dos *sertões* nordestinos, vivendo na mira do rifle dos inimigos e das forças oficiais do governo? O debate historiográfico sobre o tema encara diferentes posicionamentos. Alguns autores apontam a questão das desigualdades na posse das terras como motivo fundamental para a existência do *cangaço*, outros defendem as secas, a ausência do estado, os desejos de vingança, ou mesmo a simpatia com o estilo de vida dos cangaceiros.

⁶⁸ HOBBSAWM, Eric. *Bandidos, Estados e Poder*. In. HOBBSAWM, Eric. **Bandidos**. Tradução: Donaldson M. Garschagen. 4ª ed. São Paulo, Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015. A versão consultada não consta paginação.

⁶⁹ Idem.

⁷⁰ Informações estudadas no capítulo “*O que é banditismo social?*”, de Eric Hobsbawm no livro “**Bandido**”, versão sem paginação.

É importante ressaltar que nesta discussão, não existe necessariamente certo ou errado. São indivíduos singulares, que carregam consigo seus próprios motivos para se empenharem nesse mundo do cangaçeirismo. Cada personagem na história do *cangaço* possui a sua própria trajetória, com seus interesses pessoais. O que nos cabe aqui, é tecer um balanço entre os autores e apontar quais circunstâncias são mais plausíveis para que um indivíduo entrasse de fato nos bandos de cangaceiros.

Seguindo um viés marxista, Rui Facó publica em 1963 a obra “*Cangaceiros e Fanáticos*”, atribuindo o problema do surgimento do *cangaço* ao monopólio da terra. Segundo o autor, a concentração desigual das terras gestou uma miséria desenfreada, que desembocava em diversos outros problemas, como o analfabetismo e a desproporção da concentração de tecnologias e investimento no centro-sul do Brasil, ao passo que o Norte ficava “mergulhado no atraso semifeudal”⁷¹. Na análise de Facó, os problemas da desigualdade e da pobreza nos *sertões*, culminava na junção dos sertanejos, visando escapar da fome e das secas, em dois grupos:

- a) A formação de grupos de cangaceiros que lutam de armas nas mãos, assaltando fazendas, saqueando comboios e armazéns de víveres nas próprias cidades e vilas;
- b) A formação de seitas de místicos - *fanáticos* - em torno de um beato ou conselheiro, para implorar dádivas aos céus e redimir os pecados, que seriam as causas de sua desgraça.⁷²

A visão de Facó para o *cangaço* é o olhar da luta de classes pelo viés marxistas, na qual os cangaceiros seriam o produto direto da exploração rural dos senhores para com os trabalhadores, inflamado pelas secas e pela fome. Homens comuns que, sofrendo com as injustiças da vida no *sertão* e com o abuso da lida do campo, o capanga facilmente entraria para um bando de cangaceiros. Facó demonstra ver com uma certa naturalidade o indivíduo querer trilhar caminhos no *cangaço*, por vislumbrar que

[...] ser cangaceiro era natural desde muitas décadas; ser jagunço, pistoleiro a soldo, era qualidade inseparável da de *agregado* ou *morador*. Quando um coronel latifundista admitia um morador em sua fazenda, não necessitava sequer contratar-lhe os serviços como parcela de seu exército privado, para a defesa da propriedade ou o ataque a adversários. Isto estava implícito no próprio fato de admiti-lo.⁷³

⁷¹ FACÓ, 1983, p.16.

⁷² FACÓ, 1983, p.37.

⁷³ FACÓ, 1983, p.150-151.

Nessa perspectiva, o capanga e o jagunço compunham uma cultura de formas de banditismo já naturalizada no *sertão*. Com o fenômeno cíclico das secas, a insatisfação com as desigualdades sociais e com o monopólio da terra, serviria de combustível para que esses homens se agrupassem em bandos armados como um meio de levar a vida e garantir a subsistência de si e da família.⁷⁴ Em contraponto ao argumento da posse das terras como fator fundamental do banditismo, Maria Isaura de Queiroz apresenta que no *sertão* a economia girava em torno da criação do gado, sendo a quantidade de hectares de terra não tão relevante diante da quantidade de reses possuídas.⁷⁵ Nesse âmbito, a riqueza sertaneja era medida não apenas na propriedade das terras, uma vez que um pequeno proprietário poderia contar com mais cabeças de gado do que um grande latifundiário.

Aplicar a visão da luta de classes nesse contexto, leva Facó a atribuir à estas personagens o papel de ser o cangaceiro “um rebelde contra a ordem dominante que esmaga os pobres do campo. Ele não se submete aos trabalhos forçados da fazenda ou do engenho”⁷⁶. É certo que a miséria, a fome e as secas colocam os indivíduos em situações limites, de atitudes extremas para garantir a própria sobrevivência, entretanto, discordamos deste posicionamento de que tais fatores levassem o cangaceiro a ser uma figura revolucionária. Encaramos as fontes e os relatos historiográficos até então existentes, como apontamentos de que estes bandidos faziam suas próprias leis, seguiam seus próprios mandamentos e se levantavam contra algumas injustiças, porém, as alianças firmadas, por vezes, com fazendeiros, políticos e membros da justiça, não nos permitem enxergar esse tipo de indivíduo como um revolucionário que pleiteasse extinguir o sistema social vigente e instalar um novo, como prevê a definição do conceito de *revolução*.

Distanciando-se do sentido de luta de classes, José Anderson Nascimento, especialista em Direito, Educação e Ciências Sociais, em sua obra “*Cangaceiros, Coiteiros e Volantes*”⁷⁷, de 1998, ao analisar o contexto da Guerra de Canudos, ocorrida entre 1896 e 1897⁷⁸, propõe que os primeiros bandos organizados são remanescentes dos sobreviventes da guerra. Nas palavras do autor, “os sobreviventes foram degolados, depois de se negarem obstinadamente a gritar: ‘Viva a República’. Outros fugiram, embrenharam-se pela caatinga e formaram grupos perigosos, saqueando e matando fazendeiros, comerciantes e pessoas que reputavam traidoras”⁷⁹. Nesse sentido, para Nascimento, os primeiros bandos propriamente ditos de

⁷⁴ FACÓ, 1983, p.65-67.

⁷⁵ QUEIROZ, 1986, p.18.

⁷⁶ FACÓ, 1983, p.54-65.

⁷⁷ NASCIMENTO, José Anderson. **Cangaceiros, Coiteiros e Volantes**. São Paulo: Ícone, 1998.

⁷⁸ A Guerra de Canudos situa-se no período de transição entre o fim do Império e início da República no Brasil.

⁷⁹ NASCIMENTO, 1998, p.14.

cangaceiros tiveram suas origens a partir destes sujeitos que se debandaram pelos *sertões*, após a guerra. Não concordamos com essa observação de Nascimento, pois aqui encaramos Jesuíno como um cangaceiro, que viveu entre 1844 e 1879, duas décadas antes do recorte temporal proposto pelo autor. Entretanto, os motivos elencados por Nascimento, para justificar a manutenção do *cangaço* nos chama atenção.

Um dos principais problemas no combate aos bandos, segundo Nascimento, estava na ausência de estradas que possibilitassem as tropas oficiais rodar pelos *sertões*, combatendo o banditismo.⁸⁰ Esse fator, todavia, evidencia uma conjuntura muito maior a respeito da existência e do combate ao *cangaço*. A primeira reflexão que podemos levantar a partir da afirmativa de Nascimento, é sobre quais eram os empecilhos para que o governo não investisse na infraestrutura dos *sertões*? Sabendo-se que haviam bandos de cangaceiros percorrendo a caatinga, por quais razões não se acelerou o processo de construção de estradas e rodovias para que as volantes pudessem fazer patrulhas? Para compreender essas questões, devemos levar em consideração que o cenário político nos *sertões*, já no século XIX e ainda mais depois do advento da República, estava muito vinculado ao poder dos fazendeiros e senhores locais, obedecendo suas vontades, favorecendo suas alianças e perseguindo seus inimigos. Nesse sentido, é válido analisar que

A maior ou menor perseguição aos cangaceiros dependia muito da situação política regional, que, por sua vez, se movia em decorrência dos acontecimentos nacionais. As autoridades federais não davam qualquer importância ao grave problema vivido pela sociedade sertaneja. Problema de crucial importância, pois se ligava à sobrevivência das próprias instituições. O banditismo crescia em virtude da ausência do Poder Público.⁸¹

Dessa forma, podemos pontuar que um dos maiores motivos do *cangaço* ter sobrevivido por tantas décadas entre os séculos XIX e XX, é justamente pelo desinteresse de combate, por parte do Poder Público. A falta de assistência para com o povo sertanejo, sobretudo no quesito da justiça, inflamava na população o senso de realizar justiça com as próprias mãos, haja vista que nem sempre as forças oficiais realizavam julgamentos e prisões justas. Tem-se ainda o agravante de que muitas volantes estavam subordinadas aos chefes locais, exercendo abuso de autoridade para favorecer alguns e perseguir outros, conforme fosse interesse e vontade do coronel que o apadrinhasse. Além dessas alianças com esses indivíduos de grande poder local, algumas tropas e soldados não possuíam força suficiente para combater diretamente um

⁸⁰ NASCIMENTO, 1998, p.32.

⁸¹ NASCIMENTO, 1998, p.35.

cangaceiro que andavam constantemente armados, findando por acovardar-se e fugir dos conflitos. Outros soldados, como é o caso analisado no *cangaço* de Lampião, por Nascimento, vão fazer alianças diretamente com os próprios bandidos, fornecendo-lhes armas e munição, seja em troca de favores, proteção ou outros motivos quaisquer que fossem firmados nos acordos.⁸²

Neste sentido, a ausência do Poder Público, destacando-se a esfera judiciária, é um fator chave na análise de Nascimento, como o motor que leva os sertanejos a adentrarem ao mundo do *cangaço*. Esse posicionamento pode ser comprovado pelos motivos que levam Antônio Silvino a entrar no bando, segundo as fontes: vingar a morte dos pais; ou mesmo do próprio Jesuíno Brilhante, que se sentiu injustiçado perante uma rixa entre famílias, resultando em mortes dos dois lados e a inércia das forças policiais locais. Esse tipo de acontecimento no cotidiano da sociedade sertaneja, faz com que esses indivíduos formulem diferentes concepções de justiça. Gustavo Barroso, que nasceu em 1888 e vivenciou de perto o movimento do *cangaço*, enxerga que

O sertanejo entende a justiça a seu modo. Acha que castigar o indivíduo que o injuriou foi praticar ato meritório e não passível de pena. Daí recusar-se a obedecer à lei e preferir romper com a sociedade, viver de arribada no *cangaço* a deixar-se prender pelos soldados de polícia. Além disso, o sertanejo tem profundo ódio ao soldado dos corpos de polícia. Chama-lhes ‘mata-cachorros’. E tem razão. A soldadesca desses corpos é composta da mais baixa e vil escória das populações, covarde e boçal; vive pelo sertão a fazer desordens nas feiras e a praticar toda a sorte de infâmias, desde o roubo ao estupro, às vezes até desertando para aumentar os bandos de cangaceiros.⁸³

Um dos motivos para que o povo sertanejo fosse insatisfeito com a justiça oficial seria, na concepção de Barroso, a também presente falta de profissionalismo por parte dos soldados. Na fala do autor, fica evidenciado que alguns membros das volantes agiam de má fé, aproveitando-se da autoridade que exerciam em seus cargos, para realizar os atos aos quais tinham vontade, até os mais esdrúxulos, como o crime de estupro. A argumentação de Barroso reitera o comentário feito por Nascimento, a respeito das volantes subordinadas aos chefes locais nem sempre agirem com imparcialidade em suas ações e julgamentos.

Seja por quais variadas forem as razões, o *cangaço* constitui-se, em nossa compreensão, enquanto uma vertente do banditismo que aglutinou em si elementos distintos e se caracterizou enquanto um movimento delimitado na região do *sertão* nordestino dos fins do século XIX até

⁸² NASCIMENTO, 1998, p.36.

⁸³ BARROSO, 2003, p.159.

1940.⁸⁴ Jagunços e capangas existiram em variadas regiões do Brasil, todavia, o *cangaço* é exclusivo do nordeste brasileiro, reunindo em si características típicas do vaqueiro e do código de honra sertanejo.

A moral sertaneja é também um fator a ser observado neste debate. Ainda hoje, no século XXI, é comum pensarmos o estereótipo do homem do *sertão*, sobretudo os de idade já mais avançada, como pessoas de moral rígida com alto respeito à propriedade e aos bens alheios. Talvez pela grande parcela da população do *sertão* do século XIX e XX, enfrentar dificuldades financeiras elevadas, as conquistas materiais se tornam sagradas; de modo que o furto constitui um crime tão repudiado. Vale lembrar também que se trata de uma sociedade gestada sob a lida com o gado, que desde a colonização estabeleceu-se sobre formas de trabalho hierárquicas, sofrendo diretamente com o ambiente hostil dos castigos e das ordens dos patrões e feitores. Tanto Gustavo Barroso quanto Frederico Pernambucano de Mello, mesmo este sendo de uma geração posterior ao primeiro, em suas análises, ponderaram ter peso maior o crime de roubo ou dano ao patrimônio, do que o crime de homicídio.⁸⁵ Para Mello essa moral sertaneja fazia parte de um código de honra, que gestava homens que não podiam ter sua palavra curvada, de modo que desde jovem os rapazes cultivavam a valentia como um modo de se firmar em meio aos seus semelhantes.⁸⁶

A cultura da vingança aos desafetos abria margens para que os cangaceiros justificassem seus atos com base no instinto de “lavar a honra”, para reparar alguma desavença ou perda sofrida. Nesse sentido, torna-se legítimo entrar para o *cangaço* e levar a vida no estilo que levavam, para alcançar a retaliação de algo que um inimigo cometeu. A esse tipo de justificativa para si e para os demais que viviam na mesma sociedade, em que o cangaceiro proclama ser seu objetivo saldar sua dívida com um inimigo, para manter a sua honra limpa, Frederico Pernambucano de Mello denomina “*escudo ético*”⁸⁷. Esse conceito remete justamente ao ato de argumentar, mesmo que de forma indireta ou implícita, que a vida de crimes que levava o cangaceiro, só acontecia porque se precisava realizar aquela obrigação de fazer derramar o sangue dos inimigos; uma espécie de justificativa ética, que o protege e o diferencia de ser um mero assassino. Forjado no escudo ético, o cangaceiro comete o homicídio não por gostar de derramar sangue, mas sim por precisar manter a sua moral de homem sertanejo, que não aceita

⁸⁴ Com a morte de Corisco, cangaceiro e famoso “vingador de Lampião”, considera-se o fim oficial dos bandos do cangaço independente (QUEIROZ, 1983, p.

⁸⁵ MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do Sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil**. 5ª ed. São Paulo: A Girafa, 2011, p.126-127.

⁸⁶ MELLO, 2011, p.117.

⁸⁷ MELLO, 2011, p.127.

a injustiça por parte do Poder Público para julgar seus desafetos e que não pode deixar seus parentes, familiares e/ou amigos, serem mortos sem ter a sua alma vingada. O cangaceiro se vê na obrigação de se esclarecer perante a sociedade, porque ao declarar que vive no *cangaço* para buscar vingar-se de alguém, encontra apoio no povo sertanejo que se compadece da sua dor e se sente na mesma posição de injustiçado perante as forças oficiais. Nesse sentido, o *escudo ético* serve para garantir que o sujeito que vive nos bandos possa contar com o auxílio de uma figura fundamental na existência da vida no *cangaço*: o coiteiro.

Sem dúvida, um dos pilares essenciais nas bases de sustentação do cangaceirismo, era o apoio que os bandos recebiam dos coiteiros, fossem estes sujeitos ricos ou pessoas de camadas socioeconômicas mais baixas. A prática de fornecer coito consistia em auxiliar os cangaceiros em diversos aspectos, desde comida e abrigo, ou mesmo ceder armas e munições. Em diversas ocasiões de embates entre cangaceiros e volantes, os chefes ou seus homens dispersos, procuravam refugiar-se nas fazendas e sítios de pessoas que fossem de sua confiança, até que o perigo da captura houvesse cessado. Quando não se tratava de perseguição, por vezes os chefes guiavam seus bandos rumo as casas de seus coiteiros em busca de alimentos, água, ou mesmo de um local para se abrigarem por uma noite ou pelo tempo que fosse necessário. Em outros casos, esses homens de confiança dos cangaceiros também colaboravam na compra das armas e munições que o bando necessitava, facilitando o recebimento dessa mercadoria diretamente para os bandidos.⁸⁸

Esses sujeitos a que conhecemos como coiteiros, sem dúvida alguma foram um dos fatores basilares para que os cangaceiros tenham conseguido fugir ou sair vitoriosos nos embates com outros inimigos ou com forças policiais durante tantas décadas. Diante dessas relações estabelecidas entre cangaceiros e coiteiros, devemos pensar por quais motivos esses indivíduos aceitavam se colocar nessa posição de risco de dar abrigo ou fornecer munição para um cangaceiro, mesmo sabendo que se fosse descoberto pelas forças do governo, seria severamente castigado ou até mesmo morto? Analisando o caso de Lampião, Nascimento propõe que existiram dois tipos diferentes de coiteiros

O primeiro era constituído pelos fazendeiros, comerciantes e chefes políticos ricos que por necessidade ajudavam Lampião. Enviavam-lhe o dinheiro que ele pedia, ou lhe forneciam mantimentos somente para protegerem as suas propriedades. Esse grupo contava com personalidades influentes na política, tanto no regime anterior, como no que foi implantado com a Revolução de 30. (...) O outro grupo de coiteiros era constituído de vaqueiros, moradores do campo, das fazendas e por outras pessoas que tinham pouca influência.⁸⁹

⁸⁸ NASCIMENTO, 1998, p.27-67.

⁸⁹ NASCIMENTO, 1998, p.206.

Apesar do *cangaço* de Lampião não ser aqui nosso alvo de estudos, a análise de Nascimento contribui de forma muito relevante para entendermos os aspectos do *cangaço* de uma forma geral, sem nos apegarmos restritamente a uma figura unicamente. O primeiro grupo apontado pelo autor, trata-se dos coiteiros de classe social mais alta, que por possuir um patrimônio maior, prezavam por ter uma boa relação com os cangaceiros, fornecendo-lhes o que fosse pedido por parte dos bandidos e, assim, evitavam de se indispor com os chefes de bandos, não correndo o risco de serem atacados por aquele grupo aliado e, ainda, ganhando proteção dos cangaceiros em suas propriedades. O segundo segmento apontado por Nascimento reúne indivíduos das parcelas mais comuns da população: vaqueiros, moradores do campo e pessoas com pouca influência na sociedade. Esse segundo grupo consistia em sujeitos que por algum aspecto ou se identificavam com os cangaceiros, ou por medo, preferiam contribuir com os bandos do que fazer-se de inimigo. Para Barroso, “a gente humilde dos sertões admira, medrosa, aquela vida, acolhe o cangaceiro nas suas aperturas e sobressaltos; e, quando simpatiza com ele, protege-o, alimenta-o, socorre-o e esconde-o”.⁹⁰

A identificação que alguns sertanejos possuem com os cangaceiros, pode se dar pela crença no *escudo ético* daquele bandido, ou por alguma admiração ao que a figura do ser cangaceiro representa. Para Frederico Pernambucano de Mello, viver em um cenário permeado por disputas entre chefes locais poderosos, gestava o cangaceiro enquanto um homem sem padrão, que não se reduz às ordens de outros homens, autônomo, individualista e, acima de tudo, construído em cima do estigma da bravura e da valentia; de modo que essa construção da imagem do cangaceiro, seduzia os jovens que habitavam aquele *sertão* em que era característica admirável, ser um homem valente.⁹¹ Essa identificação com a figura do cangaceiro enquanto um ser admirável, fez com que muitos homens almejassem entrar no *cangaço* e fazer do banditismo uma profissão e um meio de vida. Os que cultivavam esse elo de contemplação, mas que não se debandavam junto aos cangaceiros, podiam ocupar o papel de coiteiro, já que viam naqueles sujeitos verdadeiros combatentes que não se deixavam ser categorizados apenas como servos de patrões, ou que não deixavam suas desavenças se darem por perdidas nas mãos da justiça oficial, realizando seu julgamento com suas próprias mãos.

Não apenas na historiografia observamos casos de indivíduos que se admiravam com o cangaceirismo; na teledramaturgia também encontramos a representação desses sujeitos comuns que enxergavam no *cangaço* um ato heroico e um meio de vida diferente. Na novela

⁹⁰ BARROSO, 2003, p.152.

⁹¹ MELLO, 2011, p.117.

Cordel Encantado de Duca Rachid e Thelma Guedes, nos deparamos com a personagem de “Cícero”, protagonizada por Miguel Rômulo, filho de um casal de sertanejos que levava uma vida pacata, sendo empregado em uma grande fazenda de um coronel local. No decorrer da trama, Cícero sofre um acidente e é socorrido pelo Capitão Herculano, estrelado por Domingos Montagner, famoso cangaceiro que rondava a região do Rio São Francisco, onde se passa a trama. Vendo de perto o cotidiano no acampamento dos cangaceiros, Cícero revela aos seus pais que não voltaria mais para a vida de ser empregado na fazenda, manifestando desejo em se tornar um cangaceiro, que estes lutavam contra as injustiças, a miséria e a insubmissão aos coronéis que tudo faziam e nada sofriam de represália.⁹² Apesar de tratar-se de uma ficção, a personagem de Cícero reflete a realidade que aconteceu em muitos casos nos *sertões*, de homens e mulheres que admiravam a trajetória dos cangaceiros, sobretudo no século XX, quando o *cangaço* se tornou mais popularizado e alastrado, sobretudo com as figuras de Antônio Silvino e Lampião.

O outro lado, todavia, é que nem todos os cangaceiros ficaram conhecidos por serem homens gentis e cavalheirescos, como Jesuíno Brilhante é apontado nas obras mais tradicionais. Em vários relatos, são narradas histórias de como cangaceiros eram ferozes com quem se recusava a colaborar com suas vontades, saqueando casas e comércios, levando até dos que por vezes não tinham muitos recursos. Mais recorrentes ainda são as diversas narrativas de estupros cometidos por cangaceiros para com esposas e filhas de algum inimigo, ou mesmo quando consideravam que gozavam de poder sobre aquelas mulheres, independente se eram de famílias inimigas ou completas desconhecidas. Casos de abusos assim encontramos até mesmo nas narrativas sobre Jesuíno Brilhante, que findou por matar um amigo de infância que insistiu em se aproveitar de uma mulher, contrariando as ordens de Brilhante de que não tolerava esse tipo de crime. As narrativas sobre os furtos, homicídios e abusos são frequentes em folhetos de cordel e livros clássicos como *Cangaceiros, Coiteiros e Volantes*, que apresenta diversas situações do cotidiano do *cangaço*. Não é em vão que Jesuíno, por não compactuar com esse tipo de atitude, seja tido nas referências como o “herói brilhante”, “cangaceiro romântico” ou

⁹² Dirigida por Amora Mautner, a novela *Cordel Encantado* foi exibida pela primeira vez em 2011, na Rede Globo de Televisão, apresentada em 143 capítulos no horário das 18h. A trama se passa no fim do século XIX e reúne monarquia e *cangaço*. O enredo gira em torno da princesa perdida do reino de Seráfia, Aurora, que foi criada por um casal de sertanejos da cidade de Brogodó, nas margens do São Francisco. Criada como uma sertaneja comum, Aurora fica noiva de Jesuíno, o filho do rei do *cangaço* local, Capitão Herculano. Em uma alusão à história de Jesuíno Brilhante, o personagem estrelado por Cauã Reymond protagoniza o papel do herói do povo, do homem valente e justo, que vai lutar sempre para combater as injustiças e prezar pelo bem-estar do seu povo. *Cordel Encantado* consegue reunir elementos de referência que vão desde o funcionamento da monarquia, passando pelo debate do coronelismo e suas influências nas decisões administrativas da prefeitura e da delegacia local, até mesmo o desenrolar do messianismo e do cangaceirismo na região do *sertão* do nordeste brasileiro.

“Robin Hood do sertão”. Jesuíno representa a exceção e não a regra no cenário do cangaceirismo, e, justamente por isso, se tornou tão celebrado nos anais da história.

Jesuíno Brilhante é uma figura diferente dentro da história do *cangaço* também porque existem formas diferentes de se fazer e se estar no *cangaço*. Para Frederico Mello, são três os tipos existentes de cangaceiros: o que entrou para fazer vingança; o que faz do *cangaço* sua profissão e seu meio de vida e, por último, o que entra nos bandos para se refugiar de algum inimigo ou mesmo da força policial.⁹³ O primeiro tipo, conforme já mencionamos anteriormente, é o que se sente na obrigação e no desejo de vingar algum desafeto. Esse tipo é obcecado em alcançar o seu objetivo e, quando finalizada sua missão, não vê mais sentido na vida de ser cangaceiro, partindo para buscar outros rumos na vida.⁹⁴ O segundo caso, do *cangaço* como meio de vida, representa os homens que entravam nos bandos cientes de que ali conseguiriam acumular riquezas com os saques e que também simpatizavam com a figura do ser cangaceiro. Conforme aponta Mello, o próprio Lampião em entrevista concedida ao jornal “*O Ceará*”, em 1926, classifica o *cangaço*, como um “negócio”, uma profissão que lhe rendia bons frutos.⁹⁵

Segundo Mello, todavia, fator comum era a transição do cangaceiro vingador para o cangaceiro profissional. Em vários casos, no escopo analisado pelo autor, vários indivíduos que entravam pela vingança, findavam encantando-se com a vida “aventureira” *sertão* a dentro e passavam a encarar o *cangaço* como um meio de vida. Nessas situações, para não perder a chancela do *escudo ético*, o cangaceiro postergava a sua vingança e assim levava anos no *cangaço*, talvez até a sua morte, justificando-se que vivia aquela vida porque ainda não havia alcançado o seu inimigo, e, por várias vezes, culpabilizava o inimigo por ter se tornado um bandido.

O terceiro tipo de *cangaço* apresentado por Mello, contempla os homens que buscavam nos bandos uma forma de refúgio. Esse tipo de homem busca acompanhar os bandos como uma forma de fugir daquele local, por já ter realizado a sua vingança e querer desviar do contragolpe do seu desafeto. Imaginemos, hipoteticamente, que um sujeito chamado José, descobre que a sua esposa lhe traiu com João, para manter a sua moral sertaneja, José achou-se no direito de matar João e lavar sua honra com o sangue do seu inimigo; em alguns casos matando também a esposa e validando seus homicídios perante a sociedade, com base na sua honra, criando seu

⁹³ MELLO, 2011, p.128-134.

⁹⁴ MELLO, 2011, p.141.

⁹⁵ MELLO, 2011, p.117.

próprio *escudo ético*. Nesse caso, a família de João poderia facilmente achar-se também no direito de vingar a sua morte, matando José; ou, minimamente, a depender das condições de poder da família, poderiam colocar as forças policiais em sua busca e prisão. Assim, José, buscaria refugiar-se em um bando de cangaceiros, como uma forma de escapar do fim trágico. Para esse tipo, aponta Mello, o *cangaço* não representa a vingança, por já ter realizado este feito, nem tampouco se apresenta como um meio de vida, porque não almejava entrar para o bando; torna-se cangaceiro como uma consequência de última instância, por instinto de sobrevivência. Por estas razões, segundo o autor, quem entra nessas condições nem sempre permanece no bando por muito tempo; por não se adaptar à vida nômade, finda desertando e tomando outros rumos.⁹⁶

Concordamos com Gustavo Barroso, quando diz que o cangaceirismo existe devido uma junção de vários fatores, como a vida pastoril, os prejuízos educacionais que prevaleciam no ambiente sertanejo até o século XX, a forma de se fazer política, os abusos de poder, a ausência do Poder Público e mesmo uma certa tradição de inimizade entre famílias.⁹⁷ A trajetória de Jesuíno Brilhante marca-o como um cangaceiro vingador, que talvez nunca tenha pensado em entrar e liderar um bando, antes de desembocar em uma rixa de famílias que sucediam mortes dos dois lados da guerra. Brilhante não fez do *cangaço* um meio de vida, haja vista o consenso historiográfico de que Jesuíno vinha de uma família de boas condições financeiras, que criava gado e possuía, inclusive, escravos. Mas, fez do *cangaço* uma forma de viver diferente dos bandos tradicionais que sobreviviam à base de saques, perpetuando o ideal de não roubar a propriedade alheia e não abusar de jovens, mulheres e famílias, perseguindo apenas seus inimigos.

2.2. Jesuíno Brilhante – Gênese de um cangaceiro

Em 1844, no sítio Tuiuiú, povoação de Patú/RN, nasceu Jesuíno Alves de Melo Calado – o futuro Jesuíno Brilhante. Filho de João Alves de Melo Calado e Alexandrina Brilhante de Alencar, Jesuíno era sobrinho, por parte de mãe, do famoso cangaceiro José Brilhante, de quem adotou o sobrenome em homenagem e continuidade do legado no *cangaço*. Ao lado de Alexandrina Brilhante, o patriarca João Alves de Melo Calado teve, além de Jesuíno, outros quatro filhos, com os quais trabalhou na vida agrícola e pastoril e construiu relações de respeito

⁹⁶ MELLO, 2011, p.134-135.

⁹⁷ BARROSO, 2003, p.149.

para com os demais moradores das propriedades vizinhas. Aos 25 anos de idade, Jesuíno era apenas um sertanejo caçador, comboieiro e vaqueiro destacado, até que em 1871, em 25 de dezembro, cometeu o seu primeiro crime de homicídio contra Honorato Limão, marcando definitivamente sua trajetória e mudando completamente os caminhos da sua vida.⁹⁸

Nas descrições de Luiz da Câmara Cascudo, em sua obra “*Flor dos Romances Trágicos*”, Jesuíno Brilhante foi um homem baixo, ruivo, de olhos azuis, meio fanhoso, exímio cavaleiro e atirador, “era ainda bom nadador, vaqueiro afamado, derrubador e laçador de gado. Sua pontaria infalível causava assombro, especialmente porque Jesuíno, ambidestro, atirava com qualquer das mãos”.⁹⁹ As atribuições dadas por Cascudo e mesmo por Raimundo Nonato, nos colocam a par de Jesuíno enquanto um modelo ímpar de homem sertanejo, com resistência física aprimorada pela lida com o gado e com o campo, além das habilidades de um homem heroico: a boa pontaria e boa montaria.

A descrição de Jesuíno ainda nos chama atenção, se pensarmos que se tratam de homens do século XIX, de um momento em que a escravidão ainda era vigente na sociedade. Raimundo Nonato relata que a avó do escritor Walter Wanderley, aparentemente de família abastada, rememora Jesuíno como “um cangaceiro gentilhomem, ‘alvo, bonito e de olhos azuis’”.¹⁰⁰ Nesse sentido, Jesuíno é o herói branco, de olhos azuis, que combate os inimigos, os pretos da família dos Limões. Não estamos, de modo nenhum, descredibilizando os motivos aos quais os Brilhantes tinham para seguir com a rixa para com os Limões, todavia, cabe deixar esse parêntese para reflexão de como as próprias narrativas historiográficas evocam testemunhos de pessoas que descrevem a figura cavalheiresca de Jesuíno, recorrendo à lembrança de suas características físicas, como um elemento diferenciador dos demais sertanejos.

A história de Jesuíno Alves Calado enquanto Jesuíno Brilhante, têm seu início devido uma rixa entre famílias. Conforme já mencionamos, no *sertão*, o crime contra a propriedade é mais mal visto do que o homem que comete homicídio para vingar a sua honra. Segundo Câmara Cascudo e Raimundo Nonato, o clímax das divergências entre Brilhantes e Limões se deu com o roubo de uma cabra, da propriedade dos Brilhantes, que Jesuíno encontrou já morta na casa da família dos Limões.¹⁰¹ Inflamados pelas desavenças, os Limões agrediram Lucas, irmão mais novo de Jesuíno, que na ocasião estava em uma noite de natal com a namorada. Ao saber do ocorrido, Jesuíno resolveu tirar satisfações com os agressores e ao encontrar Honorato

⁹⁸ NONATO, Raimundo. **Jesuíno Brilhante**: O Cangaceiro Romântico. Natal: Sebo Vermelho, 2010, p.80-81.

⁹⁹ CASCUDO, Luiz da Câmara. **Flor dos romances trágicos**. Rio de Janeiro: Editora do autor, 1966, p.111-112.

¹⁰⁰ NONATO, 2010, p.96.

¹⁰¹ NONATO, 2010, p.81.

Limão, em um bar, brindando à surra que havia desferido contra Lucas, e, nas anotações de Cascudo “convidando o povo para beber a saúde do defunto”¹⁰², tomou-se pela ira e assassinou Honorato no dia seguinte, com golpes de punhal. Para revidar, os Limões executaram José Ferreira Calado, primo e amigo da família de Jesuíno. A partir de então, travou-se uma verdadeira guerra no *sertão*, entre os Calados e os Limões.¹⁰³

Uma outra versão que nos chama atenção, a respeito da entrada de Jesuíno no cangaço, é a história narrada pelo pesquisador “José Otávio Maia”, conhecido por “Zezito”, disponível no canal “Camgaçologia”, na plataforma YouTube¹⁰⁴. A versão apresentada por Zezito é garantida por ele, logo de início, como a “história verdadeira”. Na narrativa do pesquisador, Felícia, viúva de José Lobo e dona da fazenda Dois Riachos, pediu emprestado ao pai de Jesuíno uma quantidade de gado para auxiliar em uma obra na fazenda. A devolução dos bois foi conduzida por José Limão, liberto e ainda morador na fazenda Dois Riachos, para a fazenda do Tuiuiú. Ao chegar na fazenda de Jesuíno, José Limão teria se recusado a guardar os animais nos estábulos, cumprindo com a sua obrigação apenas perante Felícia. Ao presenciar tal resposta, Jesuíno teria se sentido ofendido e reclamou do tratamento dado ao seu pai, dono dos animais e da fazenda. A discussão entre os dois tomou proporções maiores, partindo para insultos pessoais e ameaças físicas, até culminar em um confronto físico. Segundo Zezito, surrado, José Limão partiu em busca da fazenda Dois Riachos e relatou a sua versão de forma deturpada, omitindo seus insultos proferidos à Jesuíno e seu pai, declarando que havia apanhado sem motivo nenhum. O resultado desse conflito, foi a decisão, por parte dos irmãos de José, de vingar-se de Jesuíno, com, no mínimo, uma surra.

Ainda na narrativa de Zezito, em uma noite de festa, os Limões por não encontrarem Jesuíno, resolvem aplicar uma surra em Lucas Alves, irmão mais novo de Jesuíno. Quando estavam indo embora da festa, a esposa de Jesuíno teria escutado Honorato Limão declarar que estava preparado para surrar Jesuíno, que resolve retornar para Patu e tirar a limpo a história. O conflito se deu entre os dois, saindo Jesuíno vitorioso por conseguir cravar o punhal em Honorato, antes de ser agredido. De volta ao Tuiuiú, a vida de Jesuíno mudou completamente e seguiu novos rumos. Nas palavras de Zezito (aos 12 minutos), “Jesuíno, na verdade, de 25 anos até morrer, foi um grande perseguido!”. O pesquisador completa, ainda, sua fala, afirmando:

¹⁰² CASCUDO, 1966, p.112-113.

¹⁰³ NONATO, 2010, p.81.

¹⁰⁴ Entrevista intitulada “Jesuíno Brilhante – A história”, concedida pelo pesquisador José Otávio Maia, postada em 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gi-evBDdkd0>>. Acesso em 10 de março de 2021.

Jesuíno nunca foi um cangaceiro. Nunca roubou, nunca assaltou, nunca deflorou, nunca atacou famílias. O problema dele era pessoal com a família Limão e com a Força Pública que o perseguia, apenas isso. Essa história de dizer que ele assaltava os comboios que vinham com gêneros na seca de 77, isso é a versão dos que tinham poder na época. Na verdade, os comboios que vinham, com farinha, com rapadura (...) vinham para ser distribuídos com os flagelados, mas que muitos proprietários, dos maiores proprietários se apoderavam desses víveres pra sobreviverem também. Resumindo, Jesuíno não sequestrava, não atacava, ele tomava os víveres para distribuir com os famintos, com os flagelados. Tomar é uma coisa, assaltar é outra! Muito diferente! Por isso eu afirmo, que ele nunca foi cangaceiro. Passou a vida lutando, brigando contra a força pública e procurando eliminar os Limões que encontrava pela vida, pela frente, porque ele se sentia injustiçado.¹⁰⁵

A narrativa de Zezito se torna interessante por divergir em certos aspectos dos relatos trabalhados nas obras tradicionais historiográficas. O pesquisador assume uma postura de completa defesa à figura de Jesuíno e, por considera-lo um indivíduo tão distinto em suas ações, não o enxerga enquanto um cangaceiro, mas sim como um homem injustiçado e perseguido que apenas buscou formas de sobreviver, mesmo que para isso, precisasse viver em busca de eliminar seus inimigos.

O embate entre as duas famílias rivais foi marcado por sangue e perda dos dois lados, contudo, acusa a historiografia a partir da documentação registrada, que da parte dos Limões houveram alianças com as forças políticas e policiais de Brejo do Cruz e Catolé do Rocha, ambas na Paraíba. Até mesmo membros dos Limões chegaram a fazer parte do corpo de soldados da polícia, como é o caso de José Limão, conhecido por “Preto Limão”, que entrou na força com o objetivo de perseguir e prender Jesuíno.¹⁰⁶ Esses episódios de assassinatos dos dois lados e a impossibilidade de contar com a polícia para realizar justo julgamento, são tidos como as causas que levaram Jesuíno a retirar-se em marcha errante, acompanhado por outros homens fugitivos, escondendo, inclusive, sua própria família para que não se tornassem alvos da mira dos Limões.¹⁰⁷

A famosa “Casa de Pedra”, havia sido um esconderijo utilizado por José Brilhante, tio de Jesuíno, em suas trilhas de cangaceiro; agora Jesuíno a ocupava para esconder sua família, no alto da Serra do Patu. Enquanto andava com seu bando, composto por Manuel Pajeú, José Antônio, chamado de “Padre”, Lucas e João Alves, Benício, Antônio Duó, Manuel de Ló, José

¹⁰⁵ Transcrição de trecho da entrevista concedida pelo pesquisador José Otávio Maia, postada em 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gi-evBDdkd0>>. Acesso em 10 de março de 2021. A partir do minuto 11:50s

¹⁰⁶ CASCUDO, 1966, p.113.

¹⁰⁷ Idem.

Delgado, além do seu ex-escravo, o liberto José, Jesuíno Alves de Melo Calado dava espaço para a atuação do famoso cangaceiro Jesuíno Brilhante.¹⁰⁸ Não nos prenderemos em analisar aqui os atos mais conhecidos do cangaceiro em questão, como à invasão a Cadeia de Pombal, por exemplo, porque isto será alvo do nosso debate no próximo capítulo com os folhetos de cordel. Todavia, cabem aqui algumas observações mais amplas sobre a figura de Jesuíno Brilhante e sobre como se constroem tais narrativas.

Para Gustavo Barroso, Jesuíno Brilhante foi um sertanejo honesto, bondoso, que cometeu crimes “apenas” por um impulso maior de vingança. Nas palavras do autor, Brilhante

No seu rústico modo de pensar, acha que praticou um ato bom, que a lei não o deve punir, que esse castigo é uma perseguição, uma injustiça insuportável aos seus brios, que, sujeitar-se a ela, é ser vil e covarde. Acouta-se em sua fazenda, fortifica-a, abre seteiras nos adobes, levanta barricadas nas pesadas portas de umburana. Rodeia-se de sequazes e torna-se cangaceiro. Jamais será o cangaceiro roubador; matará somente os inimigos, os soldados, ou aqueles que achar que procedem mal e merecem punição. Foi assim que nasceu Jesuíno Brilhante¹⁰⁹

Em Câmara Cascudo, Raimundo Nonato e, sobretudo em Rodolfo Teófilo, encontramos uma narrativa que não nega o *cangaço*, mas utiliza-se de um discurso moderado e defensivo, que justifica os homicídios cometidos por Jesuíno e seu bando, enquanto uma “necessidade” a que eles precisavam realizar em sua rotina contra os inimigos. A própria historiografia parece utilizar do *escudo ético* para aclamar as façanhas de Jesuíno como um herói. O que leva Jesuíno a ser tão ovacionado, mesmo sendo comprovado e, jamais negado, os assassinatos cometidos? Pensamos que o destaque maior que é corriqueiramente lembrado na exaltação de Jesuíno é o seu lema de quem entrasse para o grupo não deveria tocar no alheio e teria de aprender a respeitar as casas das famílias. Para Cascudo, Jesuíno não roubar colocava a lógica do sertanejo com sua moral sempre em dia, portanto, não tinha necessariamente coiteiros, mas sim uma rede de amigos que se identificavam e o auxiliavam.¹¹⁰ Nesse sentido, é válido refletir que Jesuíno é uma peça ímpar no mundo do *cangaço* por ter mais respeito à propriedade privada e, não necessariamente à vida.

Não negamos as afirmativas das ações que Jesuíno logrou em virtude da seca de 1877, que assaltava os comboios para redistribuir à população faminta que padecia pela fome e sede, enquanto as autoridades locais agiam de má fé para desviar os recursos. Entretanto, sabemos

¹⁰⁸ NONATO, 2010, p.88.

¹⁰⁹ BARROSO, 2003, p.159-160.

¹¹⁰ Utilizamos aqui as informações prestadas por Lúcia Holanda, 2010, capítulo 01, sem paginação.

que esse tipo de ação também evoca um efeito de gratidão por parte da população para com o cangaceiro. Esse comportamento dialoga com o proposto por Cascudo, de que Jesuíno não necessitava de estabelecer relações de coito por imposição ou medo, antes disso, criava uma rede de indivíduos que se identificavam com suas lutas e suas atitudes. Muito embora seja cativante essa personalidade distinta dentre o mundo do *cangaço*, Jesuíno foi um bandido como qualquer outro que estava disposto a sobreviver e, para isso, deveria eliminar seus oponentes. A respeito do assassinato de Honorato, por parte de Jesuíno, Nonato transcreve que Gustavo Barroso analisou o ato como uma “covardia feroz e cruel”, que ao ver a vítima no chão, Jesuíno não hesitou em “palitá-lo de faca”, sendo “inexplicável os contrastes da alma desse homem que ora se levava aos maiores atos de audácia, heroísmo e generosidade, ora praticava outros da maior covardia”.¹¹¹

Não cabe ao historiador o papel de juiz da história, este não é o lugar para santificar ou demonizar Jesuíno Brilhante. Enxergamos aqui essa figura como um homem fruto do *sertão*, produto do seu tempo e do seu espaço, que cristalizou-se perante as relações sociais vigentes da época e que seguiu a conduta mais comum naquele período: a vingança e a justiça pelas próprias mãos. Mas que, todavia, se destaca e se distancia de outros cangaceiros comuns pelo seu apreço ao que era da vida privada da população, à honra, à família e ao direito das pessoas mais simples terem acesso ao básico da sobrevivência: alimentação.

Até antes de entrar no *cangaço*, Jesuíno foi um homem que casou-se e constituiu família. Em matrimônio com Dona Maria, conforme aponta Nonato, teve cinco filhos: Filomena, Alexandrina, Maria, Joana e João.¹¹² No filme de Cobett, vemos o cangaceiro Jesuíno em confluência com o Jesuíno que também é marido e pai; que volta dos esconderijos de seu bando, para visitar sua esposa e filhas. Em cenas como estas e na historiografia a que tivemos acesso e debatemos até aqui, essas narrativas fazem parte de uma tradição de exaltação à figura de Jesuíno. Não descartamos que por trás do sujeito do *cangaço*, houvesse um homem íntegro, que amasse à própria família, que respeitasse os bens materiais alheios e prezasse pela honra familiar e das mulheres. Não nos negamos a enxergar que Jesuíno Brilhante foi um cangaceiro que possuiu uma trajetória diferente de outros nomes como Lampião ou Corisco, por exemplo. Todavia, nos resta analisar como se constroem essas narrativas que romantizam os atos de Brilhante e colocam os homicídios cometidos, em termos populares, enquanto “ossos do ofício”. Sem dúvida, avaliamos aqui a influência dos motivos que cada sujeito carregava para

¹¹¹ NONATO, 2010, p.99.

¹¹² NONATO, 2010, p.87.

entrar no mundo do *cangaço*, seja por vingança, meio de vida ou refúgio, a trajetória que levou aquele sujeito a fazer parte de um bando, motiva a forma como aquele cangaceiro iria atuar. Pensamos que por ter uma vida com melhores condições, Brilhante nunca enxergou no *cangaço* um meio de adquirir riqueza, senão sendo apenas uma forma de executar vingança e êxito na guerra travada contra os Limões.

A trajetória de Jesuíno Brilhante que nos aparece na historiografia, na literatura, ou mesmo em depoimentos e documentários, é confirmada, recriada ou negada também nas narrativas dos folhetos de cordel. Por vezes, nas obras mais difundidas, encontramos divergências em certos aspectos, a mudar conforme a descrição de cada autor e quais fontes se mudam. Grande exemplo destas incongruências narrativas, podem ser observadas nos trabalhos de Nonato e de Teófilo, já aqui mencionados; enquanto Raimundo Nonato guia sua discussão a partir de fontes jornalísticas e documentais, Rodolfo Teófilo segue seu romance fazendo uso de uma licença poética, que o permite, inclusive, modificar os nomes das personagens. Em “*Os Brilhantes*”, de Teófilo, por exemplo, a grande disputa sangrenta de Jesuíno não é com a família dos Limões, mas sim com os “Calangros”, bem como o pontapé inicial de toda a guerra não se deve ao furto de uma cabra, ou a surra do irmão Lucas, mas sim ao assassinato de um parente de Brilhante, por parte de um Calangro. Enquanto fonte, os cordéis servirão de alicerce fundamental para a nossa discussão proposta. Nos folhetos elegidos para estudo, veremos quais narrativas se confirmam, perante as informações obtidas nos trabalhos consultados, ou mesmo quais desaparecem ou se alteram na perspectiva de cada um dos três autores pesquisados (Gil Holanda, Medeiros Braga e Gonçalo Ferreira da Silva).

CAPÍTULO III

AS REPRESENTAÇÕES DE JESUÍNO BRILHANTE NOS FOLHETOS DE CORDEL

O cordel, hoje conhecido mais amplamente em todo o Brasil, nasceu no século XIX, no nordeste brasileiro, como um veículo de informações e notícias narrados em forma de rimas, seguindo o ritmo das cantorias. O debate a respeito das origens do cordel, todavia, vigorou em diversos trabalhos. Em seu “*Forrobodó na linguagem do sertão*”, Alberto Roiphe apresenta os posicionamentos de Câmara Cascudo e Mário de Andrade a respeito do tema: para Cascudo, os folhetos vieram “pela colonização portuguesa e foi modificado para melhor. Aqui tomou aspectos novos, desdobrou os gêneros poéticos, barbarizou-se ficando mais áspero, agressivo e viril, mas o fio vinculador é lusitano, peninsular, europeu”¹¹³. Já Mário de Andrade, ao conhecer o argumento de Cascudo, questiona quais seriam os motivos de afirmar-se que o gênero não poderia ser uma criação brasileira e segue comentando sobre Cascudo: “a meu ver, o ensaísta norte-rio-grandense se prende com demasiado escrúpulo a essa tendência perigosa de tudo ligar, através das geografias e das raças”¹¹⁴. Para Lourival Andrade Júnior¹¹⁵ e Maria Ângela de F. Grillo¹¹⁶, em distintos trabalhos, os folhetos de cordel brasileiros surgiram, em seu primeiro momento, com influências lusitanas dos folhetos vendidos em feiras de Portugal, contudo, logo esse gênero incorporou matrizes próprias das raízes brasileiras e se desvinculou das semelhanças aos folhetos portugueses.

A partir da observação dos trabalhos de Ruth Terra, Átila de Almeida, José Alves Sobrinho e mesmo Ariano Suassuna, Roiphe concluiu que a impressão dos folhetos surge a partir das cantorias na Paraíba, de modo que, nas palavras do autor, “confirma-se, assim, a hipótese inicial de Horácio de Almeida, quanto à origem da literatura de cordel no duelo verbal que é o desafio, sem deixar de perceber as marcas de brasilidade na particularidade dos temas abordados, negando qualquer hipótese da origem portuguesa”¹¹⁷. Os folhetos lusitanos, cabe

¹¹³ ROIPHE, Alberto. **Forrobodó na linguagem do sertão**: Leitura verbovisual de folhetos de cordel. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2013, p.31.

¹¹⁴ Idem.

¹¹⁵ ANDRADE JUNIOR, Lourival. Jararaca: o cangaceiro que virou milagreiro de cemitério. In: Actas electrónicas del VIII Congreso Internacional de Ciencias Sociales y Humanidades Imágenes de La Muerte. Pachuca/México: Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo - Instituto de Ciencias Sociales y Humanidades, 2018. p.416.

¹¹⁶ GRILLO, Maria Ângela de Faria. **Os folhetos nordestinos**: literatura e história. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal. Anais... Natal: Anpuh, 2013, v.1, p.1-18. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364409434_ARQUIVO_Textocompletoparaenviar.pdf>. Acesso em: 11 de maio de 2020.

¹¹⁷ ROIPHE, 2013, p.38.

anotarmos, configuravam um veículo de imprensa, seguindo uma formalidade editorial, com temas variados da sociedade, já no Brasil, os cordéis surgem como uma espécie de transcrição das cantorias nordestinas.¹¹⁸ Disseminados, principalmente, com as obras de Leandro Gomes de Barros, João Martins de Athayde e Francisco das Chagas Batista, os cordéis brasileiros representam a tradição da oralidade cantada em um novo formato: impresso, escrito com métrica e rima.

Para Grillo, há de considerar-se ainda que esses pioneiros do gênero cordel, geralmente, não eram homens com formação erudita, mas sim sujeitos com pouca instrução que aprendiam muito da leitura e da escrita no próprio processo de produção dos folhetos.¹¹⁹ O talento de fazer cantorias não implicava na necessidade de possuir um conhecimento erudito, ou acadêmico, os cantadores, em linhas gerais, foram e são homens que usam da criatividade para desenvolver as *pelejas*, englobando assuntos diversos da sociedade. Coube a Silvino Pirauá de Lima a atribuição de ter sido o pioneiro na ideia de rimar as histórias cantadas, sendo considerado pelo cordelista Francisco das Chagas Batista como “exímio violeiro e grande repentista”.¹²⁰ A partir das rimas, em 1893 Leandro Gomes de Barros deu início a impressão dessas histórias rimadas nos folhetos, culminando no nascimento dos cordéis como os conhecemos na atualidade.¹²¹

Com o passar das décadas, o cordel também foi adquirindo um padrão na sua estrutura. Segundo Grillo, o tamanho médio usual dos cordéis é em torno de 12x16cm, contendo 8, 16, 24 ou 32 páginas.¹²² Todavia, é possível encontrar folhetos impressos em tamanhos maiores ou menores; os cordéis da Editora Luzeiro, conforme informações de Clarissa Loureiro, é um exemplo disto, ao fixar a sua formatação no tamanho 13,5x18,5cm, com 32 páginas cada e o texto colocado em duas colunas por lauda.¹²³ Sobre a disposição dos versos e estrofes, Gonçalves comenta que

Pode ter estrofes de quatro versos de sete sílabas (quadra), estrofes de seis versos de sete sílabas (as recorrentes sextilhas), a setilha (sete versos com sete sílabas), oito pés de quadrão (oitavas ou oito versos de sete sílabas), dez versos de sete sílabas ou ainda dez versos de dez sílabas (denominado “martelo agalopado”), dez versos de onze sílabas (“martelo a beira-mar”), o verso de

¹¹⁸ GONÇALVES, Marco Antonio. *A memória e o verso no cordel contemporâneo (Nordeste do Brasil)*. In. FAUSTO, Carlo; SEVERI, Carlo (Org.). **Palavras em Imagens**. Marseille: OpenEdition Press, 2016. p.13.

¹¹⁹ GRILLO, 2013, p.2.

¹²⁰ Informações consultadas na biografia de Silvino Pirauá, no site da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/SilvinoPiraua/silvinoPiraua_biografia.html>. Acesso em 21 de abril de 2021.

¹²¹ GONÇALVES, 2013, p.14.

¹²² GRILLO, 2013, p.1.

¹²³ LOUREIRO, Clarissa. **A importância das capas na simbolização da literatura de cordel ao longo de sua história**. *Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação*. ISSN 1981-9943. Blumenau, v. 4, n. 3, set./dez. 2010, p. 268.

quadra dupla (duas vezes quatro versos de quinze sílabas, designado por meia-quadra).

Apesar de haver várias formas de criar a estrofe, a sextilha, seguindo a rima ABCBDB, geralmente é a que mais aparece na estrutura da narrativa. Essa forma de dispor os versos, segundo Gonçalves, facilita a memorização da história.¹²⁴ Arelado à essa forma mais fácil de decorar e repetir as rimas, outro fator de relevância na disseminação dos cordéis foi a compra de tipografias por pessoas de classe sociais menos elevadas. De acordo com Marco Gonçalves, a modernização da imprensa e do setor gráfico correspondeu, conseqüentemente, ao sucateamento das tipografias antigas, esse movimento de renovação, todavia, tornou acessível aos pequenos empreendedores desse ramo à compra de tais tipografias, o que impulsionou significativamente a publicação dos folhetos de cordel.¹²⁵ O cordel torna-se, portanto, uma mercadoria, item de consumo de massa que veicula tanto notícias em suas rimas, quanto criações fictícias, ou ainda histórias que mesclam realidade e criação. Todavia,

Deve-se ter em mente que as histórias são construções, fabulações do poeta, e não propriamente resultados diretos de uma experiência. (...) A representação do Nordeste, tratada em termos de uma invenção, enquanto um imaginário, não deve ser entendida como uma falácia, como algo que falseia o que seria o “real” no Nordeste. Do mesmo modo que não se pode descartar a experiência na criação, não se pode essencializá-la. (...) A relação entre criação poética e cotidiano no cordel parece ter mais rendimento se a entendermos como uma alegoria, no sentido de que implica uma “desrealização” de um real, e não uma simples reprodução.¹²⁶

Essa criação poética, implica dizer que não é necessariamente um retrato da realidade, de experiências vividas, porém, não deve ser descredibilizada também, entendida como narrativas falsas. O universo criado nos cordéis reflete o mundo em forma de alegorias, representações e metáforas, que nos possibilitam um horizonte de interpretações possíveis, mas, sem distanciar-se dos elementos presentes nas diversas sociedades. O mister poético que reúne figuras humanas e míticas pode ser percebido nos títulos de vários folhetos, como a exemplo de “*A surra que Lampião deu no diabo no carnaval do Rio*”, autoria de Sá de João Pessoa, em 1984; ou ainda mesclando personagens de temporalidades diferentes que jamais se encontraram em vida, como em “*Encontro de Lampião com Antonio Silvino*” de José Costa Leite, 1963.

A criação literária em rimas, segundo Gonçalves, se tornou um fator de atração do público pela leitura em verso, de modo que a prosa não conquistava tanto protagonismo. Em

¹²⁴ GONÇALVES, 2016, p.19.

¹²⁵ GONÇALVES, 2016, p.14.

¹²⁶ GONÇALVES, 2011, p.220.

seu trabalho, o autor supracitado relata que um dos *folheteiros* entrevistados argumenta que o povo nordestino se acostumou com a leitura cantada, que diferente das informações dos jornais, escritos em outros moldes estéticos e linguísticos, aborda as notícias de maneira versada e rimada, mais fluída para quem acompanha e escuta a narrativa.¹²⁷ As histórias remetidas nos cordéis contemplam ainda a parte da população analfabeta, que se agrupava para ouvir as declamações nas feiras, feitas pelos próprios cordelistas ou por terceiros. Essas pessoas se identificam, ainda mais, pelas personagens que aparecem com maior frequência nos folhetos: cangaceiros, fazendeiros, romeiros, líderes messiânicos, donzelas, vaqueiros, dentre outros símbolos das personalidades sertanejas. Desse modo, ao remeter à personagens e temáticas do cotidiano do sertão, as narrativas cordelianas constroem uma relação pessoal com quem o lê e/ou escuta.¹²⁸

O enredo discorrido no cordel não se resume apenas ao texto, as capas desempenham um papel significativo na compreensão e interpretação da história narrada. Em um cenário no qual grande parcela populacional não era letrada, as capas compunham um recurso imagético de extrema importância, pois representava a síntese da narrativa enquanto instrumento visual.¹²⁹ Os primeiros folhetos, porém, não contavam com ilustrações em suas capas, apenas elementos textuais. Posteriormente, passaram a ser utilizadas fotos de personalidades como Padre Cícero, a exemplo, nas capas, para só depois a xilogravura ser incorporada neste material. De acordo com Gonçalves, até 1939 ainda não havia nenhuma capa fazendo uso da xilogravura como arte da capa; esse tipo de recurso visual só teria vindo a ser usado com a popularização do cordel para categorias mais abrangentes da sociedade.¹³⁰ Um dos xilogravuristas de maior destaque nesse cenário inicial foi Inocêncio Medeiros da Costa, o Mestre Noza de Juazeiro do Norte/CE. Mestre Noza, que já trabalhava fazendo carimbos em pedaços de madeira, inovou ao fazer as imagens das capas de cordéis também em madeira, de modo a possibilitar que aquele molde se tornasse matriz de impressão das capas; esse método barateou o custo de produção das capas, pois dispensava o uso dos clichês de zinco para produção das imagens.¹³¹

O cordel, portanto, é o que Alberto Roiphe denominou de “um gênero que se constitui verbovisualmente”¹³². Significa dizer que a narrativa cordeliana não se esgota apenas no texto escrito e que a xilogravura/ilustração da capa não serve apenas de instrumento decorativo;

¹²⁷ Idem.

¹²⁸ GONÇALVES, 2016, p.16-17.

¹²⁹ ANDRADE, 2018 [b], p.252.

¹³⁰ GONÇALVES, 2016, p.29.

¹³¹ Idem.

¹³² ROIPHE, 2013, p.19.

ambos, texto verbal e texto visual, são componentes de um mesmo conjunto, devendo ser o folheto analisado nestes dois aspectos. A interpretação verbovisual é de importância sumária no trabalho com os cordéis, levando-se em consideração que a arte da capa faz parte também da sustentação de um determinado discurso a respeito das personagens alvo na narrativa. Os elementos, por menores que sejam, que estejam apresentados na gravura devem ser tidos como reveladores de aspectos do texto escrito no interior do cordel. O conjunto da obra do cordel cria um discurso que, nas palavras de Gonçalves, tem “liberdade para modificar, copiar e transformar. Neste sentido, o cordel constrói e desconstrói personagens, cenários e situações”¹³³.

As narrativas cordelianas, portanto, são criadoras de discursos que têm o poder de gerar personalidades, criando e recriando eventos em seus versos. Dentro dessa perspectiva, elegemos três folhetos a serem analisados que nos auxiliam no debate sobre a vida e trajetória no *cangaço* de Jesuíno Brilhante. Buscaremos conduzir a discussão guiados pela pergunta inicial lançada, a respeito de como esse gênero literário contribui para a romantização do *cangaço* a partir da figura de Brilhante.

Em 1937, na cidade de Ipu/CE, nasceu o cordelista Gonçalo Ferreira da Silva, que tornou-se detentor de uma vasta obra, reunindo mais de 300 publicações de folhetos e livretos. Tendo trabalhos traduzidos para idiomas como inglês, espanhol, francês, japonês e hebraico, Gonçalo F. da Silva participou de congressos e eventos tanto no Brasil, quanto no exterior e consolidou sua carreira como membro fundador da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC).¹³⁴ Dentre suas produções, foi publicado o cordel “*Jesuíno Brilhante - braço avançado da justiça*”, a que veremos em análise mais profunda a seguir. O segundo autor por nós trabalhado, Gil Holanda, é um cordelista paraibano que declara já ter recebido menção honrosa com vários de seus trabalhos e admite escrever reunindo influências de poetas modernistas e de cantadores de feira. Em entrevista ao programa “*APOESC*¹³⁵ *em prosa e verso*”, Hollanda comenta ainda que se o *cangaço* foi cruel, foi resultado da própria sociedade e que Jesuíno foi um cangaceiro que fez uma trajetória brilhante.¹³⁶ O terceiro autor é o também paraibano Luzimar Medeiros Braga, conhecido apenas por Medeiros Braga. Formado em economia, foi

¹³³ Gonçalves, 2016, p.18.

¹³⁴ Informações consultadas na biografia apresentada pela Fundação Casa de Rui Barbosa. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/GoncaloFerreira/goncaloFerreira_biografia.html>. Acesso em 22 de abril de 2021.

¹³⁵ Associação de Poetas, Escritores, Simpatizantes e Colaboradores.

¹³⁶ Entrevista concedida por Gil Holanda aos entrevistadores Gilberto Cardoso e Hélio Crisanto, no programa “*APOESC em prosa e verso*”. Disponível em: <<http://apoesc.blogspot.com/2011/05/entrevista-sobre-cangaco.html>>. Acesso em 22 de abril de 2021.

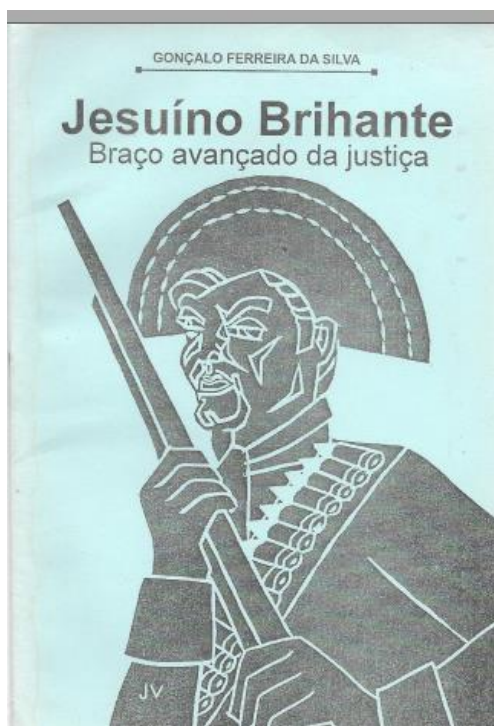
professor, jornalista e funcionário do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), defensor da poesia e da literatura, Medeiros Braga escreve cordéis voltados para a temática social e memorialista, biografando diversas personalidades em seus folhetos, além de ter sido membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC).¹³⁷

Muito embora cada autor tenha sua própria forma de escrita e suas interpretações postas dentro do texto, o fio condutor comum aos três são o leque de elogios tecidos à personalidade de Jesuíno Brilhante, exaltando sua honra, seu valor e sua dignidade. Reforçando, destarte, a idealização de um cangaceiro diferenciado, que possui como sua marca a hombridade, a gentileza e o romantismo do “*Robin Hood do sertão*”.

No folheto “*Jesuíno Brilhante - Braço avançado da justiça*”, de Gonçalo Ferreira da Silva, podemos observar em sua capa a ilustração de Jesuíno, assinada apenas por JV, enquanto um homem sério, com traços grossos, vestido à caráter no figurino do cangaceiro. Na arte, Jesuíno aparece com o chapéu em meia-lua de couro que se popularizou na figura de Lampião, além de segurar em sentido de guarda sua arma e portar ao ombro a cartucheira para depositar a munição. Chama-nos atenção essa disposição de elementos, sobretudo o chapéu meia-lua, por nos evocar diretamente a lembrança de Lampião. Talvez o intuito imagético seja causar a interpretação de Jesuíno enquanto um homem tão valente quanto Virgulino Ferreira. A disposição corporal do Brilhante, é ao mesmo tempo de guarda e de prontidão para o ataque, com as mãos sobre o cano da arma e os olhos desenhados semicerrados, conforme podemos observar na imagem 01.

¹³⁷ Informações consultadas no site “Memórias da Poesia Popular”, disponível em: <<https://memoriasdapoesiapopular.com.br/2014/11/25/poeta-luzimar-medeiros-braga-sintese-biografica/>>. Acesso em 22 de abril de 2021.

Imagem 01: Capa do cordel “*Jesuíno Brilhante - Braço avançado da justiça*”



Fonte: material digitalizado pelo professor Lourival Andrade Júnior. 2021.

O cordel escrito por Silva, é composto por 20 páginas, escrito em estrofes de seis linhas, ou seja, a sextilha, com rimas que seguem o padrão ABCBDB. Na parte interna do exemplar, outro elemento nos chama atenção neste folheto: a mesma imagem aparece em tamanho ampliado no meio das páginas textuais, conforme a imagem 02.

Imagem 02: Ilustração de Jesuíno reaparece no meio da narrativa.



Fonte: material digitalizado pelo professor Lourival Andrade Júnior. 2021.

O que nos leva a reparar nessa repetição da imagem, é por ela ser alocada justamente posterior às páginas 8 e 9, que trazem, em meio ao texto, as seguintes estrofes:

“Jesuíno era de fato
um líder por excelência
e o grupo lhe rendia
a mais cega obediência
pelas provas demonstradas
de soberba competência.” (p.8)

“O grupo de Jesuíno
sou muito franco em dizer
era pequeno mas certo
do que devia fazer
daqueles que matam ou morrem
pois nada tem a perder.” (p.9)

Interpretamos a imagem como um recurso visual que reforça o texto verbal. A relação verbovisual fica explícita para nós, como uma reiteração da personalidade de Jesuíno Brillante enquanto um líder nato, que posto sempre com seu bacamarte em mãos, guiava seus homens pelas veredas sertanejas, digladiando embates com os inimigos e saindo, na maioria das vezes, vitoriosos. O caráter de liderança do Brillante seria fundamental para que o grupo, mesmo que pequeno, estivesse disposto a dar a própria vida em nome das batalhas travadas e lideradas por Jesuíno. O espírito de liderança do cangaceiro é exaltado por Silva logo no começo do folheto:

“Nosítio Tuiuíú
de Patu bem afastado
então Vila Potiguá
foi nascido e batizado
o menino Jesuíno
Alves de melo Calado

Cresceu sempre demonstrando
ter apurado juízo.
empunhando a baladeira
tinha arremesso preciso
e no rosto iluminado
um permanente sorriso.

Evidenciava forte
sentido de liderança
espírito aglutinador
talvez ancestral herança
qualidades reveladas
desde os tempos de criança.” (p.2-3)

Iniciando com as informações de nascimento de Jesuíno, Silva descreve, a grosso modo, as características gerais da infância do futuro cangaceiro, demonstrando como suas virtudes de homem feito são heranças recebidas de seus ancestrais. Esse trecho corrobora com a narrativa romanceada de Rodolfo Teófilo, de que Jesuíno herdou do tio José Brilhante, famoso cangaceiro na região, o veio e o gosto pelo cangaço. Na narrativa de Teófilo, o próprio pai de Jesuíno temia que o filho herdasse os costumes do tio e despertasse em si o ódio interior, o desejo pelo sangue, o que o autor pontuou como “espírito adoentado do nevropata”¹³⁸ para referir-se à expressão violenta que Jesuíno esboçava ao jurar vingança aos inimigos.¹³⁹ Este tipo de análise e interpretação a respeito do cangaceiro, nos confere a reflexão de que são discursos que vão sendo construídos como uma forma de justificar que o cangaceiro em questão apenas cometeu atos de homicídio porque herdou o distúrbio do tio. Nesse sentido, cabe analisar ao seguinte trecho de Silva:

“Foi Jesuíno Brilhante
acolhedor e distinto
respeitador dos princípios
pela nobreza do instinto
amava os dez mandamentos
e só transgrediu o quinto.” (p.4)

As narrativas sobre Jesuíno Brilhante nos parecem serem feitas para justificar a sua postura em vida. Ao mesmo tempo em que se descreve algum ato de violência do distinto sertanejo, também se procura equilibrar a afirmativa, evocando eventos em que o cangaceiro atuou com gentileza e solidariedade à alguém, ou mesmo os momentos em que foi destacado pelo seu senso de justiça. No trecho acima, Silva coloca Jesuíno como um homem acolhedor, que se diferencia do restante da população, que respeita os princípios e mantinha sua fé católica com amor e respeito, seu único desvio, teria sido infringir o quinto mandamento. Ao dizer “amava os dez mandamentos e **só** transgrediu o quinto”, o autor cria uma sutileza no discurso, que ameniza o fato de o quinto mandamento do cristianismo seja justamente “Não matarás”. Na página seguinte, o autor completa:

“Tinha aversão a ladrão
por roubar a coisa alheia
e achava a ladruagem
uma atitude tão feia
que o lugar de ladrão
para ele era a cadeia.” (p.5)

¹³⁸ TEÓFILO, 1906, p.58.

¹³⁹ TEÓFILO, 1906, p.55-61.

Corroborando com as ponderações de Frederico Pernambucano de Mello e Gustavo Barroso, já aqui analisadas no Capítulo II, o roubo aparece, portanto, como um fator muito mais prejudicial e repudiável, no universo de Jesuíno, do que o crime de homicídio. Esse comportamento no julgamento do teor dos crimes, faz parte tanto da moral sertaneja analisada pelos dois autores mencionados, como do *escudo ético* estudado por Mello. Jesuíno não matava porque gostava, mas sim porque precisava responder aos insultos e aos crimes dos inimigos. Nesse âmbito, Jesuíno não é posto na narrativa como um simples bandido, ele comete as atitudes extremas porque precisa e, ainda assim, evita ser cruel mesmo com os inimigos:

“[...]
nem Jesuíno Brilhante
se transformou num algoz
mas o ódio entre as famílias
ficou muito mais feroz.” (p.7)

“O primeiro assassinato
que praticou Jesuíno
e que mudaria o curso
natural do seu destino
foi vingando o seu irmão
não por instinto assassino.” (p.9)

O posicionamento se reitera no cordel “*Jesuíno Brilhante - O cangaceiro romântico*”, de Medeiros Braga:

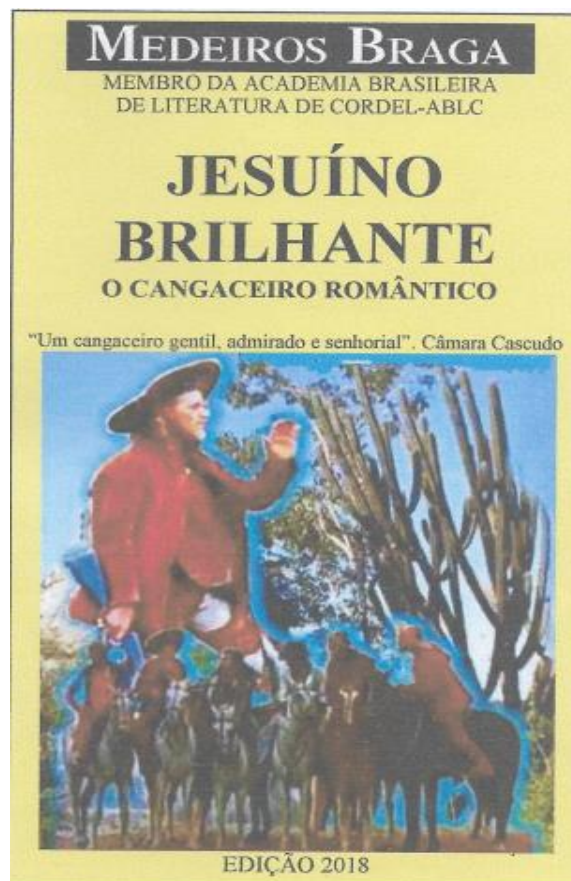
“Jesuíno era um homem
De muita dignidade,
Nem mesmo contra o inimigo
Fazia perversidade,
Ai de quem desrespeitasse
A ética, moralidade.” (p.2)

Esses trechos corroboram com os trabalhos a que tivemos acessos, juntamente às entrevistas e documentários, que Jesuíno performava a figura modelo do homem sertanejo: valente, destemido, honesto, íntegro, bondoso, extremamente respeitador aos outros e à propriedade alheia. O homicídio, nestes cenários, conforme já discutido, não possuem tanto peso em seus julgamentos, mais valia manter a honra, não importava qual seria o modo utilizado para se alcançar isso.

Sobre o cordel de Medeiros Braga, trata-se de um folheto composto por 20 páginas, estruturado no modelo da setilha, ou seja, estrofes de sete versos, e com suas rimas dispostas

no padrão ABCBDDDB. Todavia, percebemos que o autor não faz uso da xilogravura para ilustrar a capa, usa uma imagem do filme "*Jesuíno Brilhante*" de William Cobbett.

Imagem 03: Capa do cordel *Jesuíno Brilhante - O cangaceiro romântico*, de Medeiros Braga



Fonte: material digitalizado pelo professor Lourival Andrade Júnior. 2021.

Mesmo não sendo a tradicional xilogravura, a fotografia da capa nos traz alguns elementos também pertinentes para a discussão. Na imagem, Jesuíno aparece em plano superior, com seu tamanho destacado e acima dos outros, vestido nas roupas de couro, com a mão direita sobre a arma e a mão esquerda erguida, em sinal de cumprimento, aceno e/ou promessa. Logo abaixo do chefe, estão os homens do seu bando, seis indivíduos, montados em seus cavalos, como se estivessem à espera do sinal do líder para agir. Ao fundo, ilustra a paisagem da caatinga sertaneja: cactos e outras árvores que se assemelham à oiticica ou jurema.

A narrativa de Medeiros Braga também converge com a dos outros dois autores: de início, apresentam dados sobre o nascimento de Jesuíno, passando por questões de sua vida da infância e juventude como vaqueiro exímio, chegando na fase de sua entrada no cangaço, por

quais motivos entrou e quais feitos heroicos realizou. O porte físico de Jesuíno também aparece no texto

“Ele era baixo e claro,
Magro, fanhoso, porém,
Era um grande nadador,
Pulava e corria bem,
Tinha muita habilidade
Nas vitais atividades
Em disputa com alguém.” (p.5)

As descrições físicas de Jesuíno coincidem com as características relatadas por Cascudo, conforme já mencionado. Nos chama atenção, para expor novamente aqui, o contraste que existe nas narrativas, em que Jesuíno, ruivo, de olhos claros, é o herói, ao passo os inimigos, os Limões, eram evocados quase sempre atrelados a sua cor de pele, de modo pejorativo.¹⁴⁰ O próprio Gonçalo Ferreira da Silva expõe essa dualidade em seu folheto:

“Conhecidos como negros
por todo o grande sertão
os Limões eram tratados
com tal discriminação
é tanto que o repentista
chamavam ‘Preto Limão’” (Gonçalo, p.6)

Não descartamos a benevolência e o senso de justiça de Jesuíno, que se mantém viva até hoje na historiografia, na literatura e em todos os outros meios em que se relata a trajetória do cangaceiro. Todavia, o que levantamos aqui, para debate, são as questões a respeito da construção da imagem canonizada de Jesuíno, em que até mesmo homicídios são justificados para exaltar a figura do homem exemplar.

O Brilhante também é exaltado em sua vida antes do *cangaço*, enquanto um homem do campo, que encontrava na natureza seu espaço de atuação e vivências, sendo um bom agricultor e destacado vaqueiro.

“Mas, nem tudo se encontra
Garantido pela paz,
A ganância por dinheiro
E poder consigo traz
A surpresa da maldade,
O fim da felicidade
Que pra vida é bom demais.

Do dia em que inventaram
Por ganância, por maldade,

¹⁴⁰ NONATO, 2010, p.97.

Pela força e violência
A tal da propriedade,
Até hoje, com carrego,
Não se viu jamais sossego
Na história da humanidade.” (p.6)

As influências marxistas de Medeiros Braga são expostas na sua narrativa. Corroborando com o estudo de Rui Facó, o autor do cordel aponta que o grande problema do cangaceirismo está na existência da propriedade privada. No caso de Jesuíno, o autor associa este problema da propriedade como provedor da vida de cangaceiro do Brilhante, em virtude do conflito entre Calados e Limões, devido ao furto de uma cabra da propriedade de Jesuíno. O furto teria sido apenas mais um dos acontecimentos da rixa entre as duas famílias, que já estava agravada por uma surra que Honorato Limão havia desferido contra Lucas Alves, irmão mais novo de Jesuíno.

“Honorato em sua força,
Com seu porte de gigante,
Estratégias de combate
E coragem a todo instante
Se sentia na certeza
De dobrar toda afoiteza
De Jesuíno Brilhante.

Jesuíno subestimado
por Honorato Limão
Se preparou para a luta
Que viria sem perdão
Praticando a muito zelo
A forma de combate-lo
Pra vingar o seu irmão.
(...)

E no dia D, hora exata,
Jesuíno o encarou,
Honorato, destemido,
Na sua frente ficou...
Naquela ânsia exaltada
Nenhum dos dois disse nada
Quando a luta começou.

Jesuíno com revolver
Atirava sem igual,
Mas Honorato de súbito
Já puxava seu punhal.
Certo de um sacrifício
De morte, foi dado início

A esse embate fatal.” (p.8-9)

A briga entre Jesuíno e Honorato foi descrita por outros autores, como Raimundo Nonato, como um confronto rápido e até inesperado por parte de Honorato.¹⁴¹ Contudo, para Medeiros Braga, o embate teve aspectos filmográficos de uma batalha já esperada por ambos, que se preparavam para o conflito. Jesuíno aparece nesse episódio como a personagem que consegue dar a volta por cima, saindo do papel de subestimado como fraco, para o vitorioso que se preparou e conseguiu agir mais rápido que seu inimigo. O triunfo de Jesuíno não era apenas dele, mas sim a sorte da família que estava sentindo-se ferida em sua honra. Todavia, o assassinato de Honorato, que possuía ligações pessoais com nomes da polícia e de pessoas poderosas, colocava Jesuíno na mira das milícias, e, agora, era a família dos Limões quem se sentia no direito de vingar-se, atacando a família dos Calados.

A família por um lado
Procurava se vingar,
Por outro lado a justiça
Pôde rápido condenar.
Jesuíno sem milícia
Cada vez via a polícia
Perto do seu calcanhar.

Já sem outra alternativa
Pra manter o seu compasso,
Aumentar a sua força,
Reduzir mais seu cansaço,
Foi forçado Jesuíno,
Revirando seu destino,
A entrar para o cangaço. (p.10-11)

Não só as questões de honra são evocadas com essas narrativas, como também as justificativas utilizadas pelos cangaceiros, conforme discutido por Mello, de uma certa transferência da culpa: o cangaceiro vingador só é assim, porque uma terceira pessoa foi responsável pelo seu desatino.¹⁴² Jesuíno entrou para o cangaço como uma forma de fugir da justiça que era parcial e agia em favor dos Limões. No romance de Rodolfo Teófilo e no filme de William Cobbett, o cangaceiro protagonizou uma cena em que entrou no meio de um

¹⁴¹ NONATO, 2010, p.99.

¹⁴² MELLO, 2011, p.126-127.

juízo e admitiu às autoridades que se entregaria, desde que fosse garantido de ter um juízo justo e que seus inimigos também fossem punidos de igual maneira.¹⁴³

Na trajetória de cangaceiro, alguns eventos ganham destaque constante na vida de Jesuíno Brilhante. Entre eles, um dos que mais nos chama atenção, é a atuação do líder durante a grande seca de 1877. Sobre isso, escreve Braga:

“Nas secas que aconteciam
Todo socorro, ao invés
De ir direto ao faminto,
Vinha para os coronéis,
Aumentando o sofrimento
Pelo, então, procedimento
Dos seus modos tão cruéis.

Muito alimento chegava
Mas era distribuído
Com os correligionários
Do poder constituído
E com o apadrinhado
Do eleitor alienado
Que a dedo era escolhido.

Mas Jesuíno Brilhante
Implantou na região
Um poder independente
Com total proibição
De manterem os coronéis
Os alimentos a seus pés
E a distribuição.

Na grande seca de mil,
Oitocentos e setenta e sete
Os alimentos que vinham
Em comboios, então de frete,
Jesuíno os atacava
Dando ao povo que matava
A fome do seu pivete.” (p.12-13)

Jesuíno atuava como o que Braga chamou de um “poder independente”, que batia de frente com o próprio Estado, caso considerasse que era necessário para combater alguma injustiça. Interpretamos este tipo de evento como elemento cristizador da personalidade de Jesuíno enquanto o “*Robin Hood do sertão*”. Onde o Estado não atuava, o *cangaço* aparecia como uma forma de compensar a ausência governamental, criando seu próprio código de leis,

¹⁴³ TEÓFILO, 1906 p.79-86.

defendendo à uns e perseguindo suas inimizades. O *cangaço* representava, para muitos, uma manifestação da justiça com as próprias mãos, para defender a si, à família e à propriedade. Mesmo que essas atitudes de ataque aos comboios possam ter sido movidas por interesses pessoais de prejudicar inimigos, Jesuíno se consagrou como símbolo máximo desse heroísmo cangaceiro por sustentar uma jornada em que se importava minimamente com as pessoas desvalidas, enquanto as forças oficiais deixavam essa população ao completo descaso.

Outra característica que aparece sobre Jesuíno é sua postura perante as mulheres. Tido como um cavalheiro que protegia a honra das donzelas e que teria matado o próprio companheiro, o liberto José, por este ter abusado de uma mulher, o bando é apresentado por Medeiros Braga de forma diferente em um “resgate” feio na cidade de Martins/RN:

“Segundo contam autores,
Que estudam o cangaceiro,
Sua estadia em Martins
Não foi nada cavalheiro,
Mas sim, para retomada
De uma moça raptada
Por um jovem fazendeiro.

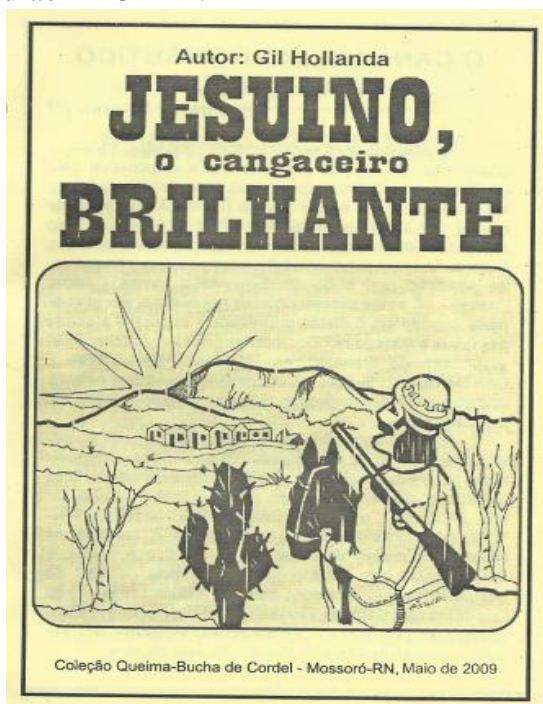
Para poder descontraír,
Pela mata, já tardinha,
Cada um que escapou
Tirava a sua casquinha
E alegrava seu bando
Que feliz ia cantando
A música da ‘Curujinha’” (p.17-18)

Não encontramos nenhum relato além do de Braga, que corrobore com esse acontecimento. Em todo caso, também apontamos que no texto do cordelista, não necessariamente o próprio líder do bando aproveitou-se da situação, mas, aparentemente, os homens do seu bando deram uma “escapada” para realizar os atos de abuso.

Medeiros Braga faz um cordel biografado de Jesuíno, atribuindo ao personagem, em diversas passagens, o teor de um herói social, que padeceu no cangaço pelas injustiças da propriedade privada e que inaugurou um poder independente. Nas palavras de Braga, ainda, a atuação de Brilhante no *sertão* entre Paraíba e Rio Grande do Norte instauraram uma espécie de “estado” paralelo, dentro do próprio Estado, o que o autor denominou de

“[...] uma república ousada
Onde não houvesse nada
Do mendigo e retirante” (p.13)

Essa formação de um novo poder, é analisada também por Gil Hollanda no folheto “*Jesuíno, o cangaceiro Brilhante*”. O cordel é composto por 8 páginas, com estrofes em sextilha e versos seguindo o padrão ABCBDB.



Fonte: material digitalizado pelo professor Lourival Andrade Júnior. 2021.

Na arte da capa observamos uma ilustração de Jesuíno, assinado por Falcão¹⁴⁴, com os trajes de cangaceiro, montado em seu cavalo e arma portada nas costas, observando a paisagem ao horizonte. Na cena, os raios de sol saem de trás da serra, indicando um possível nascer do dia; as casas pequenas e em poucas quantidades indicam tratar-se de um lugar pequeno e pouco povoado. Na paisagem, os símbolos da caatinga também aparecem: os cactos e as árvores desfolhadas, restando apenas os gravetos e o chão limpo. Ao fundo, uma serra é desenhada, o que nos leva a interpretar que pode ser uma referência à Serra do Cajueiro, lugar que servia de refúgio para Jesuíno Brilhante em suas caminhadas pelo *sertão*.

Assim como Braga e Silva, Hollanda também segue uma narrativa de apresentar o nascimento da personagem, passando por sua juventude, até chegar nos atos que o levaram a ser cangaceiro. O autor também coloca Jesuíno como um herói, corajoso, destemido e que implantou esse poder paralelo no *sertão*:

“Com o horror as injustiças
Um poder independente
No sertão ele implantou,

¹⁴⁴ Na assinatura, não podemos identificar o primeiro nome do autor, mas percebemos que o sobrenome trata-se de “Falcão”.

Era um cangaço pra frente,
Comparado com os outros
Sempre foi bem diferente.” (p.4)

O autor também descreve Jesuíno como sendo o primeiro dos cangaceiros e que, depois dele, nenhum outro bando seguiu sua mesma linha de atuação. Na narrativa de Hollanda, Jesuíno estabeleceu no seu poder implantado, um código de honra que deveria ser seguido por todos aqueles que o acompanhavam: respeitar a família e jamais tocar no alheio. Sobre a seca, Hollanda também pontua o desempenho do Brilhante, na repartição dos alimentos; todavia, para não ficar repetitivo na análise, não transcreveremos aqui o trecho do autor. Optamos por dar espaço para duas estrofes igualmente importantes que nos chama atenção:

“E pra mulher violentada
Ele tomava as dores
Punindo o infrator no ato
Mesmo num tempo de horrores
Em que nem sequer havia
Punição pra estupradores.

Se alguém um dia tentasse
Uma moça desonrar
Arrastava o sedutor
E um padre, de algum lugar,
Brilhante logo chamava
Pro casamento celebrar” (p.6)

Neste caso, a postura de Brilhante seguia o código de honra estabelecido por ele e pelas tradições não apenas sertanejas, mas de vários lugares do Brasil e do mundo para a época: uma mulher que perdesse a *honra* deveria casar imediatamente, para não ser símbolo da vergonha da família. A tentativa de castigar o infrator, entretanto, findava caindo como um desatino à mulher, que além de ter sido vítima do abuso, ainda seria obrigada a casar com seu próprio abusador, em nome de manter limpa a honra. O comportamento de Jesuíno, todavia, era o aceito como correto para os padrões sociais do século XIX. Jesuíno não era um transgressor ao tomar tal medida, mas sim visto como um homem que zelava pelo bem-estar social e das famílias.

Outras foram as aventuras de Jesuíno Brilhante que entraram para os anais da história, como o ataque à cadeia de Pombal, também abordada pelos três autores, em consonância com os trabalhos consultados

“Até mesmo da prisão
Da cadeia de Pombal
Jesuíno libertou
De modo fenomenal

O seu irmão Lucas Alves
Preso de forma ilegal.” (p.7)

A cadeia de Pombal, segundo Raimundo Nonato, era a mais segura da região, com o maior reforço de guarnição. Tendo sido Lucas Alves preso, em virtude de um crime cometido em Catolé do Rocha e sendo o julgamento muito protelado, Jesuíno considerou que cabia a ele o salvamento do irmão.¹⁴⁵ No dia 19 de fevereiro de 1874, os oito cangaceiros que compunham o bando de Jesuíno, atacaram a Cadeia Pública de Pombal e, sem resistência dos soldados, fizeram a troca de Lucas pela vida dos guardas. No relato de Nonato, de acordo com as fontes, os soldados alegam que não atacaram os cangaceiros, pois, no negrume da noite chuvosa, poderiam causar confusão e acertar e ferir uns aos outros.¹⁴⁶ Sobre o ataque, narra Gonçalo Ferreira da Silva:

“Num silêncio conferido
Ao artiloso felino
Brilhante entrou na cadeia
E de modo repentino
Chocou-se com um sujeito
Supostamente assassino.

Numa luta suicida
Mas sem emissão de voz
Os dois homens se agarraram
Numa decisão feroz
Os dois sem arma nenhuma
Escravizada no cós.” (p.16)

Jesuíno seria protagonista de uma luta corpo a corpo com um desconhecido, em plena escuridão da noite, sem arma alguma, apenas com a própria força humana. Na história heroica de Silva, Jesuíno estava em confronto com o próprio irmão Lucas, alvo do seu resgate, sem que ambos houvessem se reconhecido na escuridão da noite. Sobre o mesmo ocorrido, a versão de Medeiros Braga aponta o seguinte:

“Jesuíno com seu grupo
Só de oito camaradas,
Sob uma forte chuva
Às duas da madrugada,
Atacava de surpresa
Com coragem e esperteza
A tal cadeia afamada.

Ela estava guarnecida

¹⁴⁵ NONATO, 2010, p.18.

¹⁴⁶ NONATO, 2010, p.19.

Por um cabo estadual
Tendo mais onze soldados
Da Guarda Nacional
Que, sendo surpreendidos
Por tiros, foram rendidos
Sem reação do rival.” (p.16)

O ataque é atribuído, nos cordéis, como um dos atos de maior valentia de Jesuíno, que apenas com seu bando pequeno, no escuro da noite e da chuva, conseguiu adentrar a Cadeia de maior segurança da região, driblando a segurança e fazendo de refém os próprios guardas. Todavia, essa versão que contribui para o discurso heroico de Jesuíno, de todo o seu poder e força, é observada por Raimundo Nonato, a partir de documentação consultada no Primeiro Cartório de Martins/RN e pelo jornal “O Publicador”, de João Pessoa/PB, o inquérito aberto pelo chefe de polícia Dr. Manuel Caldas Barreto, que apurou a participação de oficiais da justiça que haviam favorecido a entrada de Jesuíno na referida cadeia.¹⁴⁷ No inquérito, foram ouvidas 18 pessoas, incluindo sargentos, cabos, praças, carcereiros, testemunhas e os próprios presos que restaram no lugar. Ao fim do relatório, o chefe de polícia concluiu que houve participação e criminalidade do carcereiro que não estava dormindo na cadeia e do Alferes Eustáquio que, segundo inquérito, havia falsificado um ofício a fim de trocar o comandante local e suspenso a ronda na cidade na noite do ataque, com a finalidade de possibilitar a aproximação do bando.¹⁴⁸

A vida novelesca de Jesuíno teve fim em 1879, nas palavras de Hollanda

“Numa emboscada da tropa
Do cabo Preto Limão
Lá no Sítio Santo Antônio,
No cavalo Zelação
Com um tiro bem no peito
Jesuíno foi ao chão.” (p.8)

Morto em combate com os Limões, a vida de Jesuíno Brilhante foi breve e partiu cedo, dando fim à sua atuação na sangrenta guerra entre as duas famílias, que viveram em mútuas vinganças pelo *sertão*. Ao comparar os discursos cordelianos e os textos dos trabalhos de Nonato, bem como artigos e dissertações consultados, percebemos com maior clareza que as narrativas dos folhetos seguem um teor muito mais de admiração pela personagem biografada. Os momentos de falhas de Jesuíno, como os homicídios e as práticas de violência, são

¹⁴⁷ NONATO, 2010, p.21.

¹⁴⁸ Idem.

compensados com versos que exaltam a sua bravura e justificam que se cometeu algum infortúnio, foi por pura necessidade de tal ato. Percebemos a aplicação do *escudo ético* diretamente nas estrofes analisadas. Os cordéis, conforme pontuou Gonçalves, são capazes de construir e desconstruir símbolos e heróis. No caso de Jesuíno, apesar de ter sido protagonista de atitudes dignas, humanas e solidárias, porém, enquanto historiadores, nos propomos a levantar versões distintas e tecer interpretações plausíveis, com base nas fontes e nos relatos, sem nos prendermos à emoção que nos causa ouvir os versos homéricos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho nos permitiu ter contato com diferentes versões da vida de Jesuíno Alves de Melo Calado e de Jesuíno Brilhante. As narrativas sobre esta personagem, sejam nos trabalhos ou nas fontes cordelianas, apresentam, de modo geral, discursos calcados sob a égide da honra, da justiça, da bravura, da distinção. Jesuíno é tido como um sertanejo exemplar, que fez a sua trajetória entrar para os anais da história, com os codinomes de “bandido romântico”, “Robin Hood do sertão”, “cangaceiro gentil”. Nosso objetivo com esta análise, é pautar uma discussão que pense a respeito de como esses discursos cordelianos constroem a personagem Jesuíno Brilhante. As narrativas empregadas não são apenas relatos imparciais, mas sim construções discursivas que, com o uso da Análise do Discurso, podemos enxergar a aplicação das ideias do *escudo ético* e do *banditismo social* dentro do texto, mesmo que os autores não explicitem tais conceitos. Nos propomos a refletir sobre como esse material contribui para um aspecto de romantização do movimento do *cangaço* a partir da figura de Jesuíno, mas que, projeta-se também em outras personalidades do universo cangaceiro.

Em um primeiro momento, nos pautamos a pensar sobre o *sertão*. Nossa análise levou em consideração que o *cangaço* é um movimento criado e sustentado no *sertão*, não nos litorais ou em grandes núcleos urbanos. Nesse sentido, precisamos compreender o que é *sertão*, de qual *sertão* falamos, em qual espacialidade e em qual recorte temporal, haja vista que foi o palco de atuação dos cangaceiros. Abordamos as versões historiográficas mais recorrentes no debate sobre esta temática, para que, assim, pudéssemos abranger um maior arcabouço analítico a respeito de como o *sertão* é, também, uma categoria construída. Em nossa discussão, entendemos como esse conceito vai sendo transmutado ao longo dos séculos, saindo de uma categoria puramente geográfica, para designar também um discurso cultural. O *sertão*, dessa forma, é um conglomerado de traços culturais e sociais, que abarca elementos geográficos e

comportamentais, com seus códigos de culturas e tradições. E foi nesse ambiente, com todas as questões estruturais, envolvendo a visão externa sobre o que se é *sertão*, atrelado à falta de oportunidades em diversas áreas e ao descaso do Estado, que surgiram os primeiros focos de cangaceirismo. Partindo de um ponto geral, buscamos também situar qual era o *sertão* de Jesuíno Brilhante, por entendermos que se trata de um conceito plural, que não se esgota em apenas um lugar ou apenas uma manifestação cultural.

No segundo momento, buscamos compreender estritamente o movimento do *cangaço*. Guiamos o debate passando por uma síntese dos posicionamentos dos autores mais evocados nesta temática, como Rui Facó e Maria Isaura de Queiroz, a exemplo. No capítulo em questão, procuramos discutir as origens do *cangaço*, quais foram seus primeiros indícios, seus motivos de surgimento e por quais questões e manteve latente em solo do *sertão* nordestino por tantas décadas. Ainda neste debate, buscamos evidenciar os mecanismos de sustentação aos quais os cangaceiros fizeram uso para sua sobrevivência, como os *coiteiros*, as alianças e as justificativas sociais utilizadas para ser um cangaceiro, como denominou Frederico Pernambucano de Mello, qual é o *escudo ético* utilizado por tais sujeitos.

No terceiro momento, nos debruçamos sobre nossas fontes: os cordéis. O coração do trabalho ficou na parte final do texto. Em um primeiro momento buscamos situar a origem do cordel, seus usos, sua estrutura básica e algumas teorias sobre como empenhar uma análise verbovisual, conforme proposto por Alberto Roiphe. Nesse capítulo, tecemos a análise dos três folhetos elencados, fazendo uso da metodologia da Análise do Discurso; com esta, pudemos perceber elementos dispostos nos textos visuais e verbais e nas entrelinhas, de forma a cristalizar um discurso sobre a personagem de Jesuíno Brilhante.

O cerne inicial deste trabalho está em compreender a romantização do *cangaço* a partir das narrativas cordelianas sobre Jesuíno Brilhante. Aqui, ao fim da discussão, depois de situar cada autor em seu lugar social, consideramos que os cordelistas utilizados são homens nordestinos do século XX, que carregam consigo seus ideais e valores e que existe a possibilidade de compartilharem com alguns ideais de Jesuíno Brilhante. Nesse sentido, pensamos que as narrativas cordelianas constroem a figura do cangaceiro Jesuíno enquanto um homem distinto, fenomenal no *sertão* potiguar e paraibano, que reúne todas as características louváveis dos sertanejos. Compreendemos que o gênero do cordel é uma fonte que apresenta narrativas essenciais nos estudos históricos, pois reúne de forma didática e prática informações que aconteceram dentro a temática escolhida e que, durante muito tempo, serviu como veículo de notícias no cenário nordestino brasileiro. Contudo, devemos atentar que o cordel possui a

característica, conforme analisado no trabalho, de construir e desconstruir símbolos, que mescla o real com a ficção, que mistura o mundo dos vivos e dos mortos em uma mesma peleja. Em tal âmbito, pudemos avaliar informações presentes nos cordéis que são ou não corroboradas de acordo com os trabalhos consultados. Pensamos que a personalidade de Jesuíno Brilhante de fato ocupa um lugar distinto na História do cangaço, e que seus atos merecem destaque diante de comportamentos violentos que são naturalizados no ramo do *cangaço*. Nos resta pontuar, portanto, que existem várias formas de se ler o cangaceiro Jesuíno Brilhante, e não nos cabe o papel de juízes da história, definindo certos ou errados, apenas devemos perceber a historicidade dos seus atos e a formação dos discursos que os descrevem.

5. REFERÊNCIAS

- ANDRADE JUNIOR, Lourival. **Jararaca**: o cangaceiro que virou milagreiro de cemitério. In: Actas electrónicas del VIII Congreso Internacional de Ciencias Sociales y Humanidades Imágenes de La Muerte. Pachuca/México: Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo - Instituto de Ciencias Sociales y Humanidades, 2018. [a]
- ANDRADE JÚNIOR, Lourival. Zés Pelintras: do sertão ao terreiro. In. SILVEIRA, Emerson Sena da; SAMPAIO, Dilaine Soares (Org.). **Narrativas míticas**: análise das histórias que as religiões contam Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. [b]
- BARROS, José D'Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História**: Da escolha do tema ao quadro teórico. Petrópolis: Vozes, 2005.
- BARROSO, Gustavo. **Terra de sol**: Natureza e Costumes do Norte. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003.
- BONATO, Tiago. **O olhar, a descrição**: a construção do sertão do Nordeste brasileiro nos relatos de viagem do final do período colonial (1783-1822). Curitiba: Universidade Federal do Paraná. Dissertação de Mestrado. 2010.
- CALADO, Cléia Tamaris. **Jesuíno Brillhante**: As glórias de um cangaceiro *herói* ou um *bandido* procurado pelo estado. Cajazeiras: UFCG, 2015.
- CASCUDO, Luiz da Câmara. **Flor dos romances trágicos**. Rio de Janeiro: Editora do autor, 1966.
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Três, 1984.
- CURRAN, Mark. **História do Brasil em Cordel**. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- DIAS, Dayane Julia Carvalho. Mortalidade e migração no período da seca de 1877-1879 na freguesia de São José (Fortaleza/CE). Resgate – Revista Interdiscip. Cult, Campinas, v.27, n.2[38], p.175-194, jul./dez. 2019 – e-ISSN: 2178-3284.
- FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
- FIGUEIRA, Felipe Gonçalves. **Representações do Cangaço**: Entre prosa romanesta e folheto popular (1876-1918). Tese. Niterói: UFF, 2018.
- GONÇALVES, Marco Antonio. *A memória e o verso no cordel contemporâneo (Nordeste do Brasil)*. In. FAUSTO, Carlo; SEVERI, Carlo (Org.). **Palavras em Imagens**. Marseille: OpenEdition Press, 2016.
- GONÇALVES, Marco Antonio. **Imagem-palavra**: A produção do cordel contemporâneo. Sociologia & Antropologia. v.01, 2011. p.219-234.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. **Os folhetos nordestinos: literatura e história.** In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal. Anais... Natal: Anpuh, 2013, v.1, p.1-18.

HOBSBAWM, Eric. *Bandidos, Estados e Poder.* In. HOBSBAWM, Eric. **Bandidos.** Tradução: Donaldson M. Garschagen. 4ª ed. São Paulo, Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015.

HOLANDA, Lúcia Maria de Souza. **Lugares de Memória:** Jesuíno Brilhante e os testemunhos do cangaço nos Sertões do Oeste Potiguar e fronteira paraibana. Dissertação. João Pessoa. UFPB, 2010.

LOUREIRO, Clarissa. **A importância das capas na simbolização da literatura de cordel ao longo de sua história.** Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação. ISSN 1981-9943. Blumenau, v. 4, n. 3, set./dez. 2010, p. 260-271.

MÄDER, Maria Elisa. **Civilização, barbárie e as representações espaciais da nação nas Américas no século XIX.** História Unisinos, São Leopoldo, 12(3), setembro/dezembro, p. 262-270, 2008.

MARQUES, Ana Claudia; BROGNOLI, Felipe Faria; VILLELA, Jorge Luiz Mattar. **Andarilhos e Cangaceiros: A Arte de Produzir Território em Movimento.** Itajaí: Ed. da UNIVALI, 1999. 223p.

MELLO, Frederico Pernambucano. **Guerreiros do sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil.** 5ª ed. São Paulo: A Girafa, 2011.

NASCIMENTO, José Anderson. **Cangaceiros, Coiteiros e Volantes.** São Paulo: Ícone, 1998.

NEVES, Erivaldo Fagundes. **Sertão como recorte espacial e como imaginário cultural,** Politéia: História e Sociedade, Vitória da Conquista. V. 3, n. 1, 2003. p. 153-162

NONATO, Raimundo. **Jesuíno Brilhante - O Cangaceiro Romântico.** Natal: Sebo Vermelho Edições, 2010.

OLIVEIRA, Deuzimar Matias de. **Nas trilhas do cangaceiro Antônio Silvino: Tensões, conflitos e solidariedades na Paraíba (1897-1914).** 2011. 186 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2011.

OLIVEIRA JÚNIOR, Rômulo J. F. de. **Antonio Silvino: “De Governador dos Sertões a Governador da Detenção”:** 1875-1944. Recife: Bagaço, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos.** 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **História do Cangaço.** São Paulo: Global. 2a ed. 1986.

ROIPHE, Alberto. **Ferrobodó na linguagem do sertão: Leitura verbovisual de folhetos de cordel.** Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2013.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 19ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p.35.

SOUZA, Candice Vidal e. **A pátria geográfica: sertão e litoral no pensamento social brasileiro**. 2.ed. Goiânia: Editora UFG, 2015.

TEÓFILO, Rodolfo. **Os Brilhantes**. 2 ed. Fortaleza: editor Assis Bezerra, 1906.

Referências eletrônicas

BLOG DA APOESC. **Entrevista sobre o cangaço**. 2011. Disponível em: <<http://apoesc.blogspot.com/2011/05/entrevista-sobre-cangaco.html>>. Acesso em 22 de abril de 2021.

CANGAÇOLOGIA. **Jesuíno Brilhante – A história**. Entrevista concedida pelo pesquisador José Otávio Maia, postada em 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gi-evBDdkd0>>. Acesso em 10 de março de 2021.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. **Gonçalo Ferreira da Silva**. 2021. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/GoncaloFerreira/goncaloFerreira_biografia.html>. Acesso em 22 de abril de 2021.

MEMÓRIAS DA POESIA POPULAR. **Poeta Luzimar Medeiros Braga – Síntese Biográfica**. 2014. Disponível em: <<https://memoriasdapoesiapopular.com.br/2014/11/25/poeta-luzimar-medeiros-braga-sintese-biografica/>>. Acesso em 22 de abril de 2021.